



atos

do conselho geral

ano LXXXVIII janeiro-março 2006

Nº 392

**Órgão oficial
de animação
e de comunicação
para a
Congregação Salesiana**

**ROMA
DIREÇÃO GERAL
OBRAS DE DOM BOSCO**

atos

do Conselho Geral
da Sociedade Salesiana
de São João Bosco

ÓRGÃO OFICIAL DE ANIMAÇÃO E DE COMUNICAÇÃO PARA A CONGREGAÇÃO SALESIANA

Nº 392
ano LXXXVIII
janeiro-março
2006

1. CARTA DO REITOR-MOR	"E JESUS IA CRESCENDO EM SABEDORIA, TAMANHO E GRAÇA" (Lc 2,52)	3
------------------------	---	---

2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES	INDICAÇÕES PARA ANIMAÇÃO DA FAMÍLIA SALESIANA EM NÍVEL INSPETORIAL E LOCAL ..	47
--------------------------------	--	----

3. DISPOSIÇÕES E NORMAS	Não constam deste número	
-------------------------	--------------------------	--

4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL	4.1 Crônica do Reitor-Mor	51
	4.2 Crônica do Conselho Geral	56

5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS	5.1 Homília do Reitor-Mor para a inauguração do Ano Acadêmico 2005-2006 da UPS	81
	5.2 Calendário Litúrgico próprio aprovado pela Congregação para o Culto Divino	87
	5.3 Novo inspetor	90
	5.4 Novos bispos salesianos	90
	5.5 Irmãos falecidos (4º elenco 2005)	93

Tradução: Pe. Fausto Santa Catarina
Pe. José Antenor Velho

EDITORA SALESIANA
Rua Dom Bosco, 441 – Mooca
03105-020 São Paulo-SP
Fone: (11) 3277-3211 – Fax: (11) 3209-4084
[vendaslivros@editorasalesiana.com.br](mailto: vendaslivros@editorasalesiana.com.br)
www.editorasalesiana.com.br

1. CARTA DO REITOR-MOR

“E JESUS IA CRESCENDO EM SABEDORIA, TAMANHO E GRAÇA” (Lc 2,52)

Uma experiência inesquecível. – A ESTRÉIA 2006. – 1. Riscos e ameaças que pesam sobre a família hoje - Um ambiente cultural contrário à família. Uma solução fácil: o divórcio. Privatização do matrimônio. Fatores consumistas na vida familiar – **2. A família, caminho de humanização do Filho de Deus** – **3. Vida de família e carisma salesiano** – 3.1 “No princípio era a mãe” 3.1.1 Breve exposição biográfica. a) Até a transferência para Valdocco (de 1788 a 1846). b) Dez anos com Dom Bosco (de 1846 a 1856). 3.1.2 Perfil espiritual de Mamãe Margarida. a) Mulher forte. b) Educadora salesiana. c) Catequista eficaz. d) Primeira cooperadora. 3.2 Valdocco, “uma família que educa” – **4. A família como missão** – 4.1 “Família, torna-te o que és!”. Célula da sociedade. Santuário da vida. Anunciadora do evangelho da vida. Escola de empenho social. 4.2 “Família, crê no que és!” – **5. Aplicações pastorais e pedagógicas – Conclusão: uma lenda de sabor sapiencial**

1º de janeiro de 2006
Solenidade da Maternidade Divina de Maria

Caríssimos Irmãos,

eu vos escrevo no início do Novo Ano, solenidade da Maternidade Divina de Maria, e vos desejo um tempo de graça que nos faça crescer “em tamanho, sabedoria e graça diante de Deus e dos homens”, como Jesus.

Para compreender adequadamente o papel materno de Maria em relação ao seu filho Jesus em toda a sua riqueza e profundidade, devemos partir do mistério central da nossa fé: a Encarnação do Filho de Deus que – com palavras de Paulo – “humilhou-se, assumindo a forma de escravo e tornando-se semelhante ao ser humano” (Fl 2,7).

Esta radical humanidade do Emanuel (*Deus conosco*), Jesus Cristo, implica um aspecto essencial do homem: a historicidade, o fato de o ser humano estar em devir, “vai-se realizando” ao

longo da vida, e nunca se torna um ser já “acabado”. Tal característica está presente também em Jesus, de quem diz o Evangelho de Lucas que “*ia crescendo em sabedoria, tamanho e graça diante de Deus e dos homens*” (Lc 2,52). Essa perspectiva projeta uma luz maravilhosa sobre Maria, que – juntamente com José – teve a missão de “educar” Jesus, de ajudá-lo a desenvolver as potencialidades do seu ser humano, de forma semelhante ao que faz qualquer mãe com seus filhos. O caso de Jesus é certamente único, porque o seu núcleo mais profundo, que constitui o seu ser eterno, é o de ser Filho do Pai Celeste. Pois bem, esta filiação divina foi se desenvolvendo humanamente nele graças à ação educativa de Maria e, sem dúvida, de José, que desempenhou a figura paterna dentro da Sagrada Família de Nazaré, papel indispensável, juntamente com o da mãe, para o pleno amadurecimento de um homem.

Eis, queridos irmãos, a missão mais preciosa da família: ajudar os filhos a atingir a plena estatura humana, a do Cristo. Lamentavelmente esta realidade da família deve hoje enfrentar um desafio gigantesco, isto é, recuperar sua natureza e sua missão. Isso explica o porquê da Estréia para 2006, que aqui vos apresento. Antes, porém, gostaria de partilhar convosco uma experiência inesquecível.

UMA EXPERIÊNCIA INESQUECÍVEL

Ainda que nestes últimos três meses, desde minha última carta circular, tenham ocorrido muitos acontecimentos que poderia partilhar convosco, entre outros os do *Simposium* da Vida Consagrada e da *Plenária* da Congregação da Vida Consagrada, de que participei, e o Sínodo sobre a Eucaristia, prefiro falar-vos de um outro evento, que me tocou profundamente.

Em 12 de novembro de 2005 vivi uma das experiências mais belas e significativas não somente da minha vida salesiana, mas de toda a minha existência humana. Tinha ido a Valdocco, tam-

bém para o reconhecimento do corpo de Dom Bosco e devo dizer que qualquer expectativa minha foi absolutamente superada.

Tinha pedido ao Inspetor e ao Reitor da Basílica que, antes do ato oficial, com a presença das autoridades competentes e de alguns SDB e FMA, eu pudesse ficar sozinho com Dom Bosco, deter-me ante seu corpo, para rezar.

Desci então à Capela das Relíquias e desde o primeiro momento, ao contemplar o corpo do meu amado Pai fora da urna que normalmente o conserva e expõe à veneração dos fiéis, senti uma profunda emoção.

Com grande reverência aproximei-me e me pus a seus pés, podendo vê-lo completamente. A primeira coisa que me impressionou foi uma sensação muito especial, a de não me encontrar diante dos restos mortais de um ser amado, mas diante de um vivo. Assim transparecia do seu rosto sereno e sorridente. Parecia-me ouvi-lo dizer aos seus meninos do Oratório de Valdocco: “Dom Bosco não morrerá totalmente enquanto viver em vós”.

Trazia comigo tantas pessoas e situações da Congregação, da Família Salesiana e dos jovens que tenho no coração. Enquanto falava deles a Dom Bosco e a ele os confiava, minha oração tornou-se também uma longa ação de graças.

Pensando que desde 1929 o corpo de Dom Bosco havia sido colocado naquela urna que conhecemos, sem que jamais tivesse sido aberta, parecia-me ser chamado naquele momento histórico de graça a representar todos os Salesianos, os membros da Família Salesiana, os jovens, os colaboradores leigos, em suma todos quantos de alguma maneira se identificam com Dom Bosco, para dizer-lhe o nosso obrigado do profundo do coração por tudo aquilo que foi, por tudo o que fez, por tudo o que nos comunicou.

Somos, de fato, milhões de pessoas que, em todos os cinco continentes, fizemos nossos os seus sonhos, as suas convicções, o seu projeto apostólico, o seu dinamismo espiritual.

Enquanto contemplava seu rosto sereno e sorridente, dizia para mim: “mas como conseguiste chegar a tanto sem que a vida te roubasse a alegria, a paz, a energia? Não sei quantas coisas terão passado pela tua mente, mas de uma coisa estou certo, de que sempre foram Deus e os jovens que a ocuparam: assim, inseparavelmente, Deus e os jovens, como dois pólos entorno aos quais girou tua vida, sentindo-te enviado por Ele a eles e por eles a Ele”.

Quanto mais o contemplava, mais queria encarná-lo e fazer com que todos os Salesianos o encarnassem. E queria ter a sua mente, o seu coração, suas mãos, seus pés para contemplar a realidade como ele a contemplou na perspectiva de Deus e dos jovens, para imaginar com criatividade e generosidade as iniciativas que levar adiante, as respostas que dar às expectativas e às necessidades dos jovens hoje, para ter a operosidade e o espírito empreendedor que caracterizaram sua própria vida gasta até ao último respiro por eles. Para me pôr a caminho – missionário dos jovens – e ir encontrá-los pelas ruas e subúrbios de Turim, imagem de todas as ruas e subúrbios.

Improvisamente ouvi os passos das pessoas que desciam. Dei-me conta de que o tempo tinha voado. Cumprimentei-as e começamos com grande devoção o reconhecimento, ao termo do qual tomamos uma decisão para uma melhor conservação do corpo de Dom Bosco. Devo testemunhar o cuidado extremo com que os irmãos tinham acomodado o corpo em 1929. Com efeito, tudo havia sido apuradamente preparado e decorado: do colchonete recamado à alva e amito bordados pelas Filhas de Maria Auxiliadora, à riquíssima casula com a qual foi revestido, presente do Papa Bento XV ao Pe. Paulo Albera. No fim de tudo fui convidado a segurar na mão sua cabeça, que beijei, em nome de todos, com gratidão e reverência, e dei a beijar às pessoas presentes.

A ESTRÉIA 2006

Agora que vos abri meu coração, ofereço-vos o comentário à Estréia deste ano.

“O desafio da vida – dizia o Papa João Paulo II, de venerada memória, na sua última intervenção diante do Corpo Diplomático em janeiro de 2005 – realiza-se ao mesmo tempo naquele que é propriamente o sacrário da vida: *a família*. Ela é hoje muitas vezes ameaçada por fatores sociais e culturais que fazem pressão sobre ela, tornando difícil sua estabilidade. Mas em alguns países ela é ameaçada também por uma legislação, que lhe corrrompe – por vezes mesmo diretamente – a estrutura natural, a qual é e pode ser exclusivamente a de uma união entre um homem e uma mulher fundada sobre o matrimônio. Não se deixe – prossegua o Papa – que a família, fonte fecunda da vida e pressuposto primordial e imprescindível da felicidade individual dos esposos, da formação dos filhos e do bem-estar social, seja minada por leis ditadas por uma visão restritiva e inatural do homem. Prevaleça um sentir justo e alto e puro do amor humano, que na família encontra uma sua expressão fundamental e exemplar.”¹

Acatando o convite do Papa de defender a vida através da família, e na oportunidade dos 150 anos da morte de Mamãe Margarida, mãe da família educativa criada por Dom Bosco em Valdocco, pensei em convidar a Família Salesiana a renovar o empenho para

*dar especial atenção à família,
berço da vida e do amor
e lugar primeiro de humanização.*

Se o homem é o caminho da Igreja, a família é o “caminho do homem”, o âmbito natural em que o homem se abre à vida e à

¹ *L'Osservatore Romano*, 10-11 de janeiro de 2005, p. 5.

existência social. Ela é o lugar de um forte envolvimento afetivo, o contexto em que se realiza o reconhecimento pessoal. Lugar privilegiado de humanização e meio de socialização religiosa, garante a estabilidade necessária ao crescimento harmônico dos filhos e à missão educativa dos pais em relação a eles.

Crendo na sua importância estratégica para o futuro da humanidade e da Igreja, João Paulo II fez da família um dos pontos prioritários do seu programa pastoral para a Igreja nos inícios do terceiro milênio: “Deve ser assegurada também uma especial atenção à pastoral da família, ainda mais necessária na época atual, que registra uma crise generalizada e radical dessa instituição fundamental... É preciso fazer com que, por meio de uma educação evangélica sempre mais completa, as famílias cristãs ofereçam um exemplo persuasivo da possibilidade de um matrimônio vivido de forma plenamente congruente com o desígnio de Deus e com as verdadeiras exigências da pessoa humana: a pessoa dos esposos e sobretudo a pessoa mais frágil dos filhos”.²

1. RISCOS E AMEAÇAS QUE PESAM SOBRE A FAMÍLIA HOJE

O pensamento de João Paulo II foi retomado pelo Papa Bento XVI que, em suas intervenções, falou da família como de uma “questão nevrálgica, que requer a nossa maior atenção pastoral”, (ela) “está profundamente radicada no coração das jovens gerações e sobrecarregada de múltiplos problemas, oferecendo apoio e remédio a situações de outra forma desesperadas. E todavia... a família está exposta, no atual clima cultural, a muitos riscos e ameaças que todos conhecemos. À fragilidade e instabilidade interna acresce a tendência, disseminada na sociedade e na cultura, a contestar o caráter único e a missão própria da família fundada no matrimônio”.³

² *Novo millennio ineunte*, n. 47.

³ Audiência com os participantes da LIV Assembléia Geral da Conferência Episcopal Italiana, OR 30-31 de maio de 2005, p. 5.

Um ambiente cultural contrário à família

Hoje, com certa facilidade e superficialidade propõem-se e apresentam-se presumidas “alternativas” à família, qualificada como “tradicional”. Dessa maneira, a atenção se volta do problema do divórcio ao dos “amigados”, do tratamento da infertilidade feminina à procriação medicamente assistida, do aborto à procura e manipulação das células estaminais retiradas dos embriões, do problema da pílula anticoncepcional ao da pílula do dia seguinte, que também é abortiva. A legalização do aborto praticamente espalhou-se por quase todo o mundo. Acontece também que se confira aos casais efêmeros, que não querem comprometer-se formalmente no matrimônio nem mesmo civil, os direitos e as vantagens de uma verdadeira família. Tal é o caso da oficialização das “uniões de fato”, incluindo os casais homossexuais, que algumas vezes pretendem até o direito à adoção, despertando dessa maneira problemas muito graves de ordem psicológica, social e jurídica.

Destarte, o rosto – a realidade – da família está mudado. A quanto anteriormente dissemos deve acrescentar-se a marcada preferência por uma forma de crescente “privatização” e a tendência a uma redução das dimensões da família que, passando do modelo de família plurigeracional ao de “família nuclear”, reduz esta à realidade de pai, mãe e um filho só. Mais grave ainda é o fato que boa parte da opinião pública já não reconhece na família, fundada no matrimônio, a célula fundamental da sociedade e um bem de que não se pode dispensar.

Uma solução fácil: o divórcio

Tendo em conta esse clima cultural, presente sobretudo nas sociedades ocidentais, parece-me oportuno lembrar um trecho do Evangelho no qual Jesus fala do matrimônio: “Aproximaram-se então alguns fariseus e, para experimentá-lo, perguntaram se era permitido ao homem despedir sua mulher. Jesus perguntou:

‘Qual é o preceito de Moisés a respeito?’ Os fariseus responderam: ‘Moisés permitiu escrever um atestado de divórcio e despedi-la’. Jesus então disse: ‘Foi por causa da dureza do vosso coração que Moisés escreveu este preceito. No entanto, desde o princípio da criação Deus os fez homem e mulher. Por isso, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e os dois formarão uma só carne; assim, já não são dois, mas uma só carne. Portanto, o que Deus uniu o homem não separe!’” (Mc 10,2-9).

Trata-se, a meu ver, de um texto muito iluminador, porque se refere ao tema do matrimônio enquanto origem e base da família, mas sobretudo porque nos faz ver a forma de argumentar de Jesus. Ele não se deixa apanhar nas redes do legalismo, sobre o que é permitido e o que é proibido, mas se coloca diante do projeto originário do Criador, e ninguém melhor do que Ele conhecia qual era o plano original de Deus. É neste projeto que encontramos a “Boa Nova” da família.

Reconhecendo embora que existem também muitas famílias que vivem o valor de uma união firme e fiel, devemos não obstante observar que a precariedade do laço conjugal é uma das características do mundo contemporâneo. Ela não poupa nenhum continente e pode ser constatada em qualquer nível social. Muitas vezes essa práxis torna frágil a família e compromete a missão educativa dos pais. Tal precariedade não cuidada, antes aceita como “um dado de fato”, leva muitas vezes à escolha da separação e do divórcio, que são considerados como o único caminho de saída diante das crises que se verificam.

Tal mentalidade enfraquece os esposos e torna mais arriscada sua fragilidade pessoal. O “ceder” sem lutar é muito frequente. Uma justa compreensão do valor do matrimônio e uma fé firme poderiam ao invés ajudar a superar com coragem e dignidade também dificuldades mais sérias.

Com efeito, pode-se dizer do divórcio que não é apenas uma questão de tipo jurídico. Não é uma “crise” que passa. Ele incide

profundamente na experiência humana. É um problema de relação, e de relação destruída. Ele marca para sempre cada membro da comunidade familiar. É causa de empobrecimento econômico, afetivo e humano. E esse empobrecimento toca particularmente a mulher e os filhos. Somam-se a isso também os custos sociais, que são sempre particularmente elevados.

Gostaria de observar que são diversos os elementos que concorrem para o incremento atual dos divórcios, mesmo com matices e componentes diversos conforme os vários países. Deve-se ter presente antes de tudo a cultura do ambiente, cada vez mais secularizada, na qual emergem, como elementos caracterizadores, uma falsa concepção da liberdade, o medo do compromisso, a prática da coabitação, a “banalização do sexo”, segundo a expressão de João Paulo II, e ainda os apertos econômicos, que algumas vezes são uma concausa de tais separações. Estilos de vida, modas, espetáculos, novelas, pondo em dúvida o valor do matrimônio e difundindo a idéia que o dom recíproco dos esposos até à morte seja algo impossível, tornam frágil a instituição familiar, fazem com que percam a estima e possivelmente chegam ao ponto de desqualificá-la em vantagem de outros “modelos” de pseudofamília.

Privatização do matrimônio

Entre os fenômenos a que assistimos deve-se destacar, ainda, o afirmar-se de um individualismo radical, que se manifesta em numerosas esferas da atividade humana: na vida econômica, na concorrência desapiadada, na competição social, no desprezo dos marginalizados e em muitos outros campos. Este individualismo não favorece decerto o dom de si generoso, fiel e permanente. E, seguramente, não é um hábito cultural que possa favorecer a solução das crises no matrimônio.

Sucede que as autoridades estatais, responsáveis pelo bem comum e pela coesão social, elas próprias alimentam esse indi-

vidualismo, permitindo-lhe uma plena expressão mediante leis feitas expressamente (como, por exemplo, no caso dos “pactos civis de solidariedade”/PACS), que se apresentam como alternativas, pelo menos implícitas, ao matrimônio. Pior quando se trata de uniões homossexuais, e mais ainda pretendendo o direito de adotar crianças. Fazendo assim, tais legisladores e tais governos tornam precária na mentalidade comum a instituição do matrimônio e além disso contribuem para criar problemas que são incapazes de resolver. Desse modo acontece que o matrimônio, muitas vezes, já não é considerado como um bem para a sociedade, e sua “privatização” contribui para reduzir ou até mesmo eliminar seu valor público.

Esta ideologia social de pseudoliberalidade leva o indivíduo a agir em primeiro lugar segundo os seus interesses, a sua utilidade. O compromisso assumido pelos cônjuges vem a ser um simples contrato, que se pode indefinidamente rever. A palavra dada tem apenas um valor limitado no tempo; não se responde pelos próprios atos, a não ser diante de si mesmos.

Falsas expectativas sobre o matrimônio

É mister outrossim constatar que muitos jovens formam um conceito idealista ou mesmo errôneo do casal, como lugar de uma felicidade sem nuvens, da satisfação dos próprios desejos sem preço por pagar. Podem chegar assim a um conflito latente entre o desejo de fusão com o outro e o de proteger a própria liberdade.

Um desconhecimento crescente da beleza do casal humano autêntico, da riqueza da diferença e da complementaridade homem/mulher leva a uma acrescida confusão sobre a identidade sexual, confusão levada ao auge na ideologia feminista. Por outro lado, as condições atuais da atividade profissional dos dois cônjuges reduzem os tempos vividos em comum e a comunicação na família. Tudo isso empobrece a capacidade de diálogo entre os esposos.

Muitas vezes, quando sobrevém a crise, os casais se encontram sós para resolvê-la. Não têm ninguém que possa ouvi-los e iluminá-los, coisa que talvez poderia evitar uma decisão irreversível. Essa falta de ajuda faz com que o casal permaneça fechado no seu problema, não vendo senão a separação ou mesmo o divórcio como solução para o próprio desconforto. Como não pensar, ao invés, que muitas dessas crises têm um caráter transitório e poderiam ser facilmente superadas, se o casal tivesse o apoio de uma comunidade humana e eclesial?

Fatores econômicos e consumistas na vida familiar

Os fatores econômicos, em sua grande complexidade, também influem acentuadamente na configuração do modelo familiar, na determinação dos seus valores, na organização do seu funcionamento, na definição do próprio projeto familiar. As entradas que se quer garantir, as despesas que se consideram indispensáveis para atender às necessidades ou os níveis de bem-estar que se pretende atingir ou manter, a falta de recursos ou até a falta de trabalho que atingem tanto os pais como os filhos, condicionam e, de certa maneira, determinam grande parte da vida das famílias. Bastaria pensar nos chamados “amigados”, que não são propriamente conviventes, mas pobres sem recursos para a celebração de um matrimônio. Outra situação preocupante é a dos emigrados, forçados a deixar a própria terra e a família em busca de trabalho e de meios para o sustento, situação que não raramente pela prolongada distância ou outras motivações causa o abandono e o desmancho da família que se deixou.

Têm igualmente origem econômica os mecanismos que criam o clima de consumismo no qual se encontram submersas as famílias. Dessa perspectiva se definem muitas vezes os parâmetros de felicidade, gerando frustração e marginalização. São outros-
sim econômicos os fatores que determinam uma realidade tão importante como a do espaço familiar, vale dizer o tamanho as

casas e a possibilidade de acesso a elas. São enfim os fatores econômicos que condicionam as possibilidades educativas e as perspectivas de futuro dos filhos.

Diante de tal realidade não se pode deixar de ter um profundo sentido de compaixão pelo que é ou deveria ser o berço da vida e do amor e a escola de humanização.

2. A FAMÍLIA, CAMINHO DE HUMANIZAÇÃO DO FILHO DE DEUS

A encarnação do Filho de Deus, nascido de mulher, nascido sob a lei para resgatar os que estavam sob a lei e dar-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus (cf. Gl 4,4-5), não foi um evento ligado apenas ao momento do nascimento, mas abraçou todo o período da vida humana de Jesus, até à morte de cruz, como confessa o apóstolo Paulo (cf. Fl 2,8). O Concílio Vaticano II se expressava dizendo que o Filho de Deus trabalhou com mãos de homem e amou com coração de homem (cf. GS 22). Sua humanidade não foi, pois, um obstáculo para revelar sua divindade, foi, antes, o sacramento que lhe serviu para manifestar Deus e torná-lo visível e atingível. É bonito contemplar um Deus que quis tanto bem ao homem que o fez tornar-se o caminho para chegar a Ele. Justamente por isso o caminho da Igreja é o homem, que ela deve amar, servir e ajudar a atingir sua plenitude de vida.

Mas, justamente por que queria encarnar-se, Deus teve antes de procurar uma família, uma mãe (cf. Lc 1,26-38). Se no seio virginal de Maria Deus se fez homem, no seio da família de Nazaré o Deus encarnado aprendeu a tornar-se homem. Para nascer, Deus teve necessidade de uma mãe, para crescer e tornar-se homem, Deus teve necessidade de uma família. Maria não foi somente Aquela que deu à luz Jesus; qual verdadeira mãe, ao lado de José, conseguiu fazer da casa de Nazaré um lar de “humanização” do Filho de Deus (cf. Lc 2,51-52).

A encarnação do Filho de Deus, justamente porque autêntica, assumiu plenamente as modalidades do desenvolvimento natural

de toda criatura humana, que tem necessidade de uma família que a acolhe, que a acompanha, que a ama e colabora com ela no desenvolvimento de todas as suas dimensões humanas, as que a tornam verdadeiramente “pessoa” humana. Tudo isso na descoberta de um projeto de vida, que permite compreender como desenvolver os próprios recursos e encontrar sentido e sucesso na vida.

Esta função educadora, necessária e imprescindível, que toda família deve oferecer aos seus membros, no caso da família de Nazaré encontra o seu testemunho numa página do evangelho de Lucas. É o episódio que se refere ao encontro de Jesus no templo: “Quando o viram, seus pais ficaram comovidos, e sua mãe lhe disse: ‘Filho, por que agiste assim conosco? Olha, teu pai e eu estávamos, angustiados, à tua procura’. Ele respondeu: ‘Por que me procuráveis? Não sabíeis que eu devo estar naquilo que é de meu pai?’. Eles, porém, não compreenderam a palavra que ele lhes falou. Jesus desceu, então, com seus pais para Nazaré e era obediente a eles. Sua mãe guardava todas estas coisas no coração. E Jesus ia crescendo em sabedoria, tamanho e graça diante de Deus e dos homens” (Lc 2,48-52).

Encontramos nessa página três indicações preciosas sobre quanto a família é chamada a fazer com os filhos, a fim de que se tornem “verdadeiros cidadãos e bons cristãos”. Neste sentido, esta poderia considerar-se uma adivinhada releitura salesiana do princípio da encarnação num projeto educativo.

Antes de tudo, não é indiferente o fato de José e Maria levarem Jesus ao templo na idade em que o filho deve aprender a inserir-se plenamente na vida do seu povo, fazendo próprias as tradições que alimentaram e sustentaram a fé dos pais: a família de Jesus o introduziu na obediência à lei e à prática da fé, mesmo que seus pais soubessem que seu filho era Filho de Deus. A origem divina de Jesus não o eximiu da obrigação, universal em Israel, de observar a Lei de Deus. O Filho de Deus aprendeu a ser homem aprendendo a obedecer aos homens.

Deve-se ressaltar, ainda, a atitude respeitosa dos pais diante do filho que, sozinho, procura a vontade de Deus relativamente à própria vida. A resposta de Jesus tem quase um tom de maravilha, como a dizer: “Mas, como? Vós me ensinastes a chamar a Deus de Aba, Papai, e a procurar sempre a sua vontade, e justamente hoje e aqui, em sua Casa, no dia do ‘Bar Mitzvá’, quando me tornei de direito ‘filho da Lei’ para viver de ora em diante cumprindo o plano do Pai, me perguntais onde me encontrava, por que fiz assim?” (cf. Lc 2,49). Antes ainda de atingir a maioridade, Jesus lembra aos pais que foram eles que lhe ensinaram que Deus e suas coisas precedem também a família e seu cuidado.

Enfim, notamos que a incompreensão dos pais não é obstáculo à obediência do filho, que volta com ele para Nazaré. Jesus submete-se à autoridade dos pais, que já não conseguem compreendê-lo. E assim, conclui o evangelista, enquanto Maria “conservava todas essas coisas no seu coração” (Lc 2,51), Jesus “crescia em idade, tamanho e graça diante de Deus e dos homens” (Lc 2,52). Eis o maior elogio da capacidade educativa de José e Maria. Eis o que significa na prática fazer de uma família, casa e escola, “berço da vida e do amor e lugar primeiro de humanização”.

Foi na família que Jesus aprendeu a obediência à lei e imergiu na cultura de um povo. Foi na família que Jesus mostrou querer dar a Deus o primeiro lugar e ocupar-se em primeiro lugar nas coisas de Deus. Foi na vida de família que Jesus, consciente de ser o Filho de Deus, voltou para crescer, como homem, diante dos homens, “em tamanho, sabedoria e graça”. O filho de Deus pôde vir à vida nascendo de uma mãe virgem, sem contar para isso com uma família, mas sem ela não pôde crescer e amadurecer como homem! Uma virgem concebeu o filho de Deus; uma família o humanizou.

3. VIDA DE FAMÍLIA E CARISMA SALESIANO

Para nós, filhos de Dom Bosco, a família não pode parecer um tema estranho à nossa vida e à nossa missão. Como educadores conhecemos bem a importância de criar um clima de família para a educação de crianças e meninos, de adolescentes e de jovens. Para tal escopo o melhor ambiente é precisamente o que reproduz “a experiência da casa”, onde os sentimentos, as atitudes, os ideais, os valores são comunicados vitalmente, muitas vezes com uma linguagem não-verbal e sobretudo não-sistemática, mas não menos eficaz e constante. A célebre expressão de Dom Bosco “a educação é coisa de coração”⁴ tem a sua tradução operativa na tarefa de abrir as portas do coração dos nossos meninos para que possam acolher e guardar as nossas propostas educativas.

Para nós, Família Salesiana, viver em família não é simplesmente uma opção pastoral estratégica, hoje muito urgente, mas uma modalidade de realizar o nosso carisma e um objetivo que deve ser privilegiado na nossa missão apostólica. Como traço carismático característico, nós Salesianos e Membros da Família Salesiana vivemos o espírito de família. Como missão prioritária, partilhamos com as famílias que nos confiam os filhos a tarefa de educá-los e evangelizá-los; como opção metodológica educativa trabalhamos recriando nos nossos ambientes o espírito de família.

3.1 “No princípio era a mãe”⁵

Margarida Occhiena foi “a primeira educadora e mestra de ‘pedagogia’”⁶ de Dom Bosco. “Todos conhecem – dizia João Paulo II aos educadores empenhados no mundo da escola reuni-

⁴ “Lettera circolare di Don Bosco sui castighi... 1883”, *Epistolario di San Giovanni Bosco* (a cura di E. Ceria), Vol. IV. SEI, Turim, p. 209.

⁵ Assim começava sua biografia de Dom Bosco J. Joergensen, *Don Bosco* (ed. italiana aos cuidados de A. Cojazzi). SEI, Turim, 1929, p. 19.

⁶ P. Braido, *Prevenir não reprimir: o sistema educativo de Dom Bosco*. Editora Salesiana, São Paulo, 2004, p. 130.

dos em Turim em 1988 – a importância de Mamãe Margarida na vida de São João Bosco. Não somente deixou no Oratório de Valdocco aquele característico ‘sentido de família’ que ainda hoje subsiste, mas soube forjar o coração de Joãozinho naquela bondade e naquela *amorevolezza* que o tornarão o amigo e o pai dos seus pobres jovens.”⁷

3.1.1 Breve exposição biográfica

Convencido eu também do papel decisivo desempenhado por Mamãe Margarida na formação humana e cristã de Dom Bosco, como também na criação do ambiente educativo, “familiar”, de Valdocco, parece-me obrigatório lembrar aqui, embora brevemente, sua vida e delinear seu perfil espiritual.

a) Até à transferência para Valdocco (de 1788 a 1846)

Nascida em Serra de Capriglio, distrito do pequeno povoado da província de Asti, em 1º de abril de 1788, de Melchior Occhiena e Domingas Bassone, Margarida foi batizada no mesmo dia do seu nascimento. Seus pais eram camponeses um tanto abastados, proprietários de sua casa e dos terrenos adjacentes.

Capriglio não tinha escola, por isso Margarida não aprendeu a ler e a escrever. Ilustrada, porém, não significa ignorante: soube adquirir uma sabedoria eminente ouvindo com coração desperto na igreja paroquial as pregações, os catecismos e, mais ainda, conformando a isso sua experiência cotidiana, que não foi sempre bela e serena. Escreve o Pe. Lemoyne, autor em 1886 da primeira “biografia” escrita de Mamãe Margarida: “Pela natureza tinha sido dotada de uma força de vontade que, ajudada por apurado bom senso e pela graça divina, devia torná-la vencedora de todos os obstáculos espirituais e materiais que haveria de encontrar no decorrer da vida... Reta

⁷ “Discurso aos agentes da escola”. Texto citado na carta circular do Pe. Egídio Viganó, *O Papa nos fala de Dom Bosco*, ACG 328, p. 20.

em sua consciência, nos seus afetos, nos seus pensamentos, segura nos seus juízos acerca dos homens e das coisas, desenvolva em suas maneiras, franca no seu falar, não sabia o que significava hesitar... Tal franqueza foi uma salvaguarda da sua virtude, porque unida a uma prudência que não a deixava pisar em falso”.⁸

A dois quilômetros de Capriglio, na colina fronteira, nos Becchi, distrito de Morialdo e de Castelnuovo d’Asti, vivia Francisco Bosco, jovem camponês de 27 anos, viúvo, que criava Antônio, uma criança de 3 anos, pediu-a em casamento. Casando-se em 6 de junho de 1812, Margarida Bosco mudou-se para a *cascina* Biglione. A pequena família não tardou a crescer. Em 8 de abril de 1813 nasceu um primeiro filho, que foi chamado José, e dois anos depois, em 16 de agosto de 1815, um segundo, que foi chamado João Melchior: o futuro São João Bosco.

Quando Francisco morreu improvisamente aos 33 anos, Margarida, que contava apenas 29, tornou-se chefe da família – três filhos e a avó paterna – e responsável pelo trabalho do campo. Pouco depois de haver ficado viúva, recebeu a proposta de um casamento muito vantajoso: as crianças seriam confiadas a um tutor. Recusou categoricamente: “Deus me deu um marido e o tirou. Morrendo ele me confiou três filhos, e eu seria mãe cruel se os abandonasse no momento em que mais precisam de mim”.

Agora é sobretudo a esses filhos que ela se dedicará para desempenhar sua missão de educadora. Nessa tarefa, Margarida manifestará seus dotes excepcionais: sua fé, sua virtude, seu saber fazer, sua sabedoria de camponesa piemontesa e de verdadeira cristã cheia de Espírito Santo.

Sabia adaptar-se a cada um de seus filhos. Antônio tinha perdido a mãe aos 3 anos de idade e o pai aos 9; adolescente irritável,

⁸ Mais que uma biografia, a obra de Lemoyne deveria ser lida como uma narração exemplar, de caráter edificante. O mesmo autor tinha consciência disso quando intitulou o pequeno volume *Scene morali di famiglia esposte nella vita di Margherita Bosco. Racconto edificante ed ameno*. Turim, Tip. Salesiana, 1886, 192 páginas.

jovem resmungão, a partir dos 18 anos tornou-se intratável, chegando até à violência. Margarida ouviu-o algumas vezes chamá-la de “madrasta”, ao passo que ela o tratava sempre como um filho, com infinita paciência. Mas sabia também ser justa e forte para a paz em casa, para o bem de José e de João, tomou as decisões dolorosas que se impunham. No fim de 1830 procedeu à divisão dos bens, casa e terrenos. Antônio, ficando só, não demorou em casar-se e teve sete filhos. Plenamente reconciliado com os seus, será um bom pai de família, muito estimado e um cristão fiel.

José, cinco anos mais jovem, era doce, conciliador e tranqüilo. Inseparável do irmão João, aceitava sem nenhum ressentimento seu ascendente. Adorava a mãe, e durante os longos anos de estudo de João será o filho obediente e laborioso no qual ela poderá se apoiar. Também ele casará jovem, aos 20 anos, com uma moça do povoado, Maria Colosso, com quem terá dez filhos.

João queria estudar. Mamãe Margarida, que procurou favorecê-lo neste desejo, encontrou a oposição decidida de Antônio. Coração partido, mandou-o trabalhar por vinte meses como empregadinho na herdade da família Moglia (1828-1829). Só depois que Antônio adquiriu sua autonomia, Mamãe Margarida teve a possibilidade de mandar João à escola pública em Castelnuovo (1831) e depois em Chieri, onde passará dez anos (1831-1841): quatro na escola pública e seis no seminário maior. Foi para Margarida um período finalmente tranqüilo, feliz, cheio de esperança, no qual ela se tornava avó dos filhos de Antônio e de José.

Dom Bosco, aos 70 e mais anos, lembrará o tom imperioso com o qual Mamãe Margarida, quando em 1834 teve de decidir concretamente o seu futuro, lhe dissera: “Ouve, João. Nada tenho a dizer-te no que diz respeito à tua vocação, a não ser que a sigas como Deus te inspira. Não te preocupes comigo. De ti nada espero. E lembra bem isto: nasci na pobreza, vivi na pobreza,

quero morrer na pobreza. Antes eu afirmo: se por desventura te tornares um padre rico, jamais irei fazer-te uma única visita”.⁹

Dia 26 de outubro de 1835, com 20 anos de idade, João vestiu o hábito clerical em Castelnuovo na igreja paroquial. Desde esse dia, conta-nos Dom Bosco, “minha mãe tinha os olhos fixos em mim. Na noite anterior à partida, chamou-me para perto de si e me fez este admirável discurso: ‘Meu Joãozinho, acabas de receber a batina. Sinto toda a consolação que uma mãe pode sentir pela alegria do seu filho. Lembra-te, porém, que não é o hábito que honra o teu estado, mas as virtudes que praticares. Se por desgraça chegares um dia a duvidar da tua vocação, ah! por caridade! não desonres a batina. Larga-a imediatamente. Prefiro ter como filho um pobre camponês a um padre negligente nos seus deveres!’”.¹⁰

João foi ordenado sacerdote em Turim no dia 5 de junho de 1841. No dia seguinte, após haver celebrado a Missa solene na igreja paroquial de Castelnuovo, subiu aos Becchi: ao rever os lugares do primeiro sonho e de tantas recordações, o neo-sacerdote comoveu-se até às lágrimas. No silêncio da noite encontrou-se a sós com sua mãe. “João – disse-lhe a mãe –, és padre, rezas a Missa, e assim a partir de agora estás mais perto de Jesus Cristo. Lembra-te, porém, que começar a dizer Missa quer dizer começar a sofrer. Não perceberás logo isso, mas pouco a pouco verás que tua mãe te disse a verdade. Estou certa de que todos os dias rezarás por mim, esteja eu viva ou morta: isso me basta. De ora em diante pensa somente na salvação das almas, e não tenhas nenhuma preocupação comigo!”¹¹

Em 3 de novembro de 1841, Dom Bosco, jovem sacerdote, despedia-se da mãe e dos irmãos e partia para Turim. Entrando

⁹ Cf. *Memorie Biografiche*, I, p. 296.

¹⁰ *Memórias do Oratório* (edição aos cuidados de A. da Silva Ferreira). Editora Salesiana, São Paulo, 2005, p. 91.

¹¹ *Memorie Biografiche*, I, p. 522.

no Colégio eclesiástico a conselho do Pe. José Cafasso, deu logo início ao seu apostolado entre os meninos da rua e nos cárceres. Dia 8 de dezembro inaugurou sua catequese com Bartolomeu Garelli: era o início da grande aventura salesiana.

O jovem padre começou a reunir um batalhão cada vez mais numeroso de meninos no Colégio eclesiástico, depois na obra da marquesa Barolo, em seguida nos prados do entorno da cidade, até que, na Páscoa de 1846, entrou finalmente no Telheiro Pinardi, em Valdocco. Durante esse tempo, Margarida vivia tranqüila nos Becchi, avó feliz de um bando de netinhos, com idade entre poucos meses e os 13 anos.

Em julho de 1846, João, esgotado pelo seu trabalho apostólico, encontra-se às portas da morte. Recuperando-se subiu aos Becchi para uma longa convalescença: mãe e filho reencontram-se na intimidade. O coração de João Bosco sacerdote ficou em Turim: tantos jovens o esperam! Mas há um problema para resolver: jovem sacerdote de 30 anos, não pode morar sozinho nos locais que havia pouco alugara na casa Pinardi, naquele bairro de má fama de Valdocco. “Leva tua mãe contigo!”, diz-lhe o pároco de Castelnuovo. Dom Bosco contou assim a generosa reação de sua mãe: “Se achas que essa é a vontade de Deus, estou disposta a partir agora mesmo”.¹² Dia 3 de novembro, mãe e filho partiam, a pé, para Turim.

b) Dez anos com Dom Bosco (de 1846 a 1856)

Para Mamãe Margarida começava o último período, em que sua vida se confundirá com a de seu filho e com a fundação da própria obra salesiana.

Ajudando Dom Bosco, Margarida queria, é claro, servir os meninos aos quais o filho havia dedicado a vida. Primeiramente teve de habituar-se aos gritos e à algazarra dos dias de oratório, às horas altas das escolas noturnas. Depois veio o acolhimento

¹² *Memórias do Oratório*, p. 190.

em casa dos primeiros órfãos vagabundos. Quantos eram esses meninos que constituirão a grande família de Mamãe Margarida? Uns quinze em 1848, trinta em 1849, cinquenta em 1850. A construção de uma casa de dois andares permitiu acolher cerca de setenta em 1853, e cerca de cem em 1854: dois terços aprendizes, um terço estudantes ou seminaristas da diocese, que iam trabalhar ou estudar na cidade. Uns trinta pelo menos estavam inteiramente aos cuidados de Dom Bosco.

Uma noite de 1850, Margarida teve sua hora de Getsêmani. Quatro anos dessa vida bastavam. Desabafou com o filho: “Não agüento mais! Todos os dias os meninos inventam alguma novidade... Deixa-me ir embora. Deixa-me voltar aos Becchi. Lá terminarei tranqüilamente os meus dias”. Abalado, Dom Bosco fixa os olhos em sua mãe, depois seus olhos se voltam para o Crucifixo suspenso à parede. Margarida acompanha esse olhar. “Tens razão, disse, tens razão.” E retomou o avental. “Desde esse momento, atestam as Memórias, jamais escapou-lhe dos lábios uma palavra de insatisfação.”¹³ Quem poderá medir tal sacrifício pessoal no desenvolvimento da obra salesiana?

Certamente Mamãe Margarida esteve presente, também ativamente, no primeiro desenvolvimento “espiritual” da obra: os primeiros momentos de formação do método e do clima salesiano, a presença e o acompanhamento dos primeiros discípulos: Cagliero (1851), Rua (1852), Pe. Alasonatti e Domingos Sávio (1854); as primeiras Companhias, os primeiros frutos de santidade, os primeiros clérigos e a preparação da Sociedade Salesiana, que será fundada somente três anos depois de sua morte. Tão longa presença feminina e materna é um fato único na história dos Fundadores de Congregações educativas. “A Congregação Salesiana foi embalada nos joelhos de Mamãe Margarida”, escreveu um biógrafo de Dom Bosco.¹⁴

¹³ *Memorie Biografiche*, IV, p. 233.

¹⁴ Terésio Bosco, *Dom Bosco: uma biografia nova*. 6ª ed. Editora Salesiana, São Paulo, 2002.

Entretanto, a mais bela tarefa de Margarida foi aquela em que empregava não somente os braços, mas o coração, o talento inato de educadora. Todos aqueles órfãos chamavam-na “Mamãe”: era bem claro que não se limitava a ser a cozinheira e lavadeira. Tinham para com ela total confiança, afeto de órfãos que se sentiam amados. Ao longo do dia, ela travava preciosos diálogos para corrigir, exortar, consolar, oferecer o conselho oportuno, para formar o caráter deles e o coração de quem crê, para lembrar a presença de Deus, convidar a confessar-se com Dom Bosco e recomendar a devoção a Maria.

Conhecia, pois, um por um, todos esses meninos, e sabia julgá-los. Por dois anos pôde observar um adolescente singular vindo de Mondonio: sua conduta a impressionava. Disse um dia a Dom Bosco: “Tens muitos jovens bons, mas nenhum supera a beleza do coração e da alma de Domingos Sávio... Vejo-o sempre a rezar. Fica na igreja como um anjo do paraíso”.¹⁵

Naqueles anos, os únicos momentos de calma e de descanso de Mamãe Margarida, foram as poucas semanas das férias de outono nos Becchi. Repouso, por outra parte, relativo, porque Dom Bosco levava para lá todos os meninos sem família. Voltando das férias de 1856, em meados de novembro, sentiu-se mal e pôs-se na cama. O médico diagnosticou uma pneumonia. Morreu dia 25 de novembro às 3 horas; na noite anterior, o Pe. Borel, seu confessor, havia-lhe administrado os últimos sacramentos. “Deus – disse a Dom Bosco – sabe quanto te amei; mas lá de cima será melhor ainda. Fiz tudo o que pude. Se alguma vez pareci severa, era para o vosso bem. Diz aos meninos que trabalhe por eles, como uma mãe. Rezem e ofereçam uma santa comunhão por mim.”¹⁶

¹⁵ *Memorie Biografiche*, V, p. 207.

¹⁶ *Memorie Biografiche*, V, p. 563.

Mamãe Margarida viveu pobre e pobre morreu: levada à vala comum, nunca teve seu nome escrito sobre uma laje tumular.

3.1.2 Perfil espiritual de Mamãe Margarida

A morte da mãe “evidenciou ainda mais o forte vínculo entre Dom Bosco e a mãe, a relação primária que lhe tinha plasmado os traços fundamentais da personalidade”.¹⁷

Amada por salesianos e jovens, logo após a morte, surgiu uma convicção comum: “era uma santa!”. No entanto a Causa de Beatificação e de Canonização de Mamãe Margarida foi introduzida somente em 8 de setembro de 1994. Concluído em 1996 o Processo diocesano em Turim, a *Positio* (isto é, a documentação sobre a fama de santidade e sobre a heroicidade da vida e das virtudes) foi entregue oficialmente à Congregação para as Causas dos Santos em 25 de janeiro de 2000.¹⁸

Não resisto ao desejo de traçar aqui seu perfil espiritual, como emerge justamente da *Positio*.

a) Mulher forte

Em toda a sua existência jamais se descobrem momentos de fácil abandono às inclinações naturais. Manifesta um equilíbrio extraordinário ao harmonizar tensões complicadas na vida de família. Sua atitude revela-se sempre vigilante e como que guiada por uma preocupação superior: a de que discerne qual seja o comportamento melhor para o bem dos seus filhos diante de Deus. Apresenta-se assim terna e firme, compreensiva e irremovível, paciente e decidida.

Para levar Margarida à harmonia dos contrários havia o fato de ter de fazer também de pai para seus filhos. Mamãe Margari-

¹⁷ Pietro Braido, *Don Bosco, prete dei giovani nel secolo delle libertà*. Vol. 1. LAS, Roma, 2003, p. 317.

¹⁸ Nesse trabalho teve grande mérito a Comissão Histórica que se ocupou da Causa. Era composta pela irmã P. Cavaglià e pelos padres F. Desramaut, R. Farina, G. Milone, F. Moto e G. Tuninetti.

da, que também teria tido a possibilidade de evitar a condição problemática de viúva, casando-se novamente, soube atingir e conservar sempre o justo equilíbrio entre esses dois papéis: uma maternidade suficientemente forte para compensar a ausência do pai, e uma “paternidade” suave para não comprometer o indispensável calor materno. Portanto, não com carícias vazias, nem gritos agastados, mas com firmeza e serenidade.

De sua aparência transparecia sempre a calma, a serenidade, o domínio de si, a verdadeira doçura. Não batia nos filhos, mas nunca cedia a eles. Ameaçava castigos severos, mas perdoava-os ao primeiro sinal de arrependimento. Num canto da cozinha – lembrava Dom Bosco – encostava-se uma pequena vara. Nunca a usou, mas deixou-a sempre naquele lugar. Era uma mãe dulcíssima, mas enérgica e forte.

Conseguiu administrar duas presenças que em geral resultam problemáticas numa família: a presença de uma sogra doente e a de um enteado particularmente difícil. Educadora sábia, conseguiu transformar uma condição familiar, rica de dificuldades, num ambiente educativo incisivo e fecundo.

Com o exemplo e a palavra ensinou aos filhos as grandes virtudes do humanismo piemontês daquele tempo: o sentido do dever e do trabalho, a coragem cotidiana de uma vida dura, a franqueza e a honestidade, o bom humor. Eles aprenderam também a respeitar os idosos e a abrir-se de boa mente ao serviço do próximo. Por outro lado, calma e forte, não receava dizer duas verdades àqueles cujas palavras ou atos provocavam escândalo. Tais exemplos desciam ao mais profundo da consciência dos três meninos.

A dimensão da fé dava também sabor sapiencial e incisividade a cada lição que esta mestra analfabeta dava a seus filhos.

b) Educadora “salesiana”

Foi essa arte educativa que permitiu a Mamãe Margarida individuar as energias escondidas em seus filhos, esclarecê-

las, desenvolvê-las e depositá-las quase visivelmente nas mãos deles. Isto deve dizer-se, sobretudo, de seu fruto mais rico: João. Quão impressionante é notar em Mamãe Margarida um consciente e claro sentido de “responsabilidade materna” ao seguir cristãmente e de perto o próprio filho, embora deixando-o na sua autonomia vocacional, mas acompanhando-o ininterruptamente em todas as etapas da sua vida até à própria morte!

O sonho de Joãozinho Bosco aos 9 anos, se para ele foi revelador, foi decerto também (se não antes) para Mamãe Margarida. Foi ela que teve e expôs a interpretação: “Quem sabe não serás padre!”. Alguns anos depois, quando compreendeu que o ambiente de casa era negativo para João por causa da hostilidade do meio-irmão Antônio, ela fez o sacrifício de enviá-lo como empregadinho à propriedade Moglia de Moncucco. Uma mãe que se priva de um filho tão novo para mandá-lo trabalhar como lavrador longe de casa, faz um verdadeiro sacrifício, mas ela o fez para, além de eliminar um dissídio familiar, encaminhar João pela estrada que lhe (lhes) havia revelado o sonho.

Pode-se afirmar que se deve atribuir a Mamãe Margarida o mérito de ter inoculado em Dom Bosco as sementes do célebre trinômio: razão, religião, bondade [*amorevolezza*], que ela viveu simplesmente na sua calma, afabilidade e autoridade. A divina Providência concedeu-lhe a graça de ser uma educadora “salesiana” animada de um amor preventivo que sabia compreender, exigir, corrigir, ter paciência e sorrir.

Seus filhos eram vigiados, controlados e guiados, mas não oprimidos. Tinham de obedecer e pedir licença, mas a Mãe deixava-os tranqüilamente entregar-se à alegria e seus brinquedos. Jamais cedida aos caprichos, e corrigia amorosamente... O Pe. Lemoyne atesta: “Queria a todo custo que a correção não provocasse zangas, desconfianças, desamor. Sua máxima relativamente a este ponto

era precisa: levar os filhos a tudo fazerem por amor e para o agrado do Senhor. Por isso era uma mãe adorada”¹⁹.

Dom Bosco dirá mais tarde que a educação é coisa do coração: disso fizera feliz experiência no lar doméstico dos Becchi.

c) *Catequista eficaz*

Mamãe Margarida tinha a rara capacidade de tirar de tudo o que acontecia na vida uma ocasião para catequizar. Julgou-se a primeira responsável pelo ensinamento da fé aos filhos, e soube propor-lhes valores simples e fortes na sua escola de família. O que transmitiu em primeiro lugar aos filhos, com paciência, nos anos do crescimento, foi a sua fé adamantina, o sentido de um Deus de amor sempre presente, uma devoção terna a Maria.

Ficou célebre o catecismo de Mamãe Margarida. Ela, que não sabia ler nem escrever e que tinha aprendido de cor, na sua infância, as fórmulas necessárias, agora as transmitia aos filhos, e também as sintetizava e interpretava segundo o seu infalível instinto materno.

As grandes verdades da fé eram transmitidas da maneira mais simples e elementar, todas expressas em fórmulas brevíssimas:

- *Deus te vê*: era a verdade de cada momento, que não se destinava a incutir medo, mas a convencer os meninos de que Deus cuidava deles e de que a própria bondade de Deus pedia-lhes que retribuíssem com uma vida boa.

- *Como Deus é bom!*, exclamava toda vez que algo impressionava a fantasia dos meninos e despertava neles admiração.

- *Com Deus não se brinca!*, afirmava convicta quando se tratava de inculcar o horror do mal e do pecado.

- *Temos pouco tempo para fazer o bem!*, explicava quando queria estimulá-los a serem mais diligentes e generosos.

¹⁹ G. B. Lemoyne, *Scene morali di famiglia esposte nella vita di Margherita Bosco*. Turim, Tip. Salesiana, 1886, p. 39.

• *Que adianta ter boas roupas, se depois a alma é feia?*, observava quando queria educá-los a uma pobreza digna, e ao cuidado da beleza interior da alma.

Havia depois o *catecismo dos sacramentos*. Sabemos, pelo que conta o próprio Dom Bosco, como ela se interessou pelo pequeno João. Quando se aproximou o tempo da Primeira Comunhão, ela começou a apontar-lhe a cada dia alguma oração e alguma leitura especial, depois preparou o menino para uma boa confissão (e fê-la repetir três vezes durante o tempo da quaresma). Depois, ao chegar o grande dia (Páscoa de 1826), fez com que o menino fizesse deveras uma experiência de comunhão com Deus. “Estou certa – dirá ao filho naquele dia – de que Deus tomou realmente posse do teu coração. Promete-lhe agora que farás o que puderes para te conservares bom até o fim da vida.”²⁰

E havia, por fim, o *catecismo da caridade*: tanto nos anos de relativo conforto como nos da fome, a casa de Margarida ficou sempre aberta aos pobres, aos viandantes, aos ambulantes, aos guardas de perlustração que pediam um copo de vinho, às meninas em dificuldades morais, assim como ficou a casa à qual se dirigiam as vizinhas quando havia uma desgraça para aliviar, algum doente para assistir ou um moribundo para acompanhar à derradeira viagem.

d) Primeira cooperadora

Existem modalidades, acentos, tons no sistema preventivo praticado por Dom Bosco que têm um quê de materno, de doce, de assegurador, que autorizam a ver em Margarida não apenas uma figura feminina que exerce influência de longe, mas também a partir do interior como inspiradora e modelo, como colaboradora e, certamente, *primeira cooperadora*.

²⁰ *Memórias do Oratório*, p. 39.

Foi precisamente a presença de Mamãe Margarida em Valdocco durante o último decênio da sua vida que influiu não marginalmente nesse “espírito de família” que todos consideramos como o coração do carisma salesiano. Pois não foi um decênio qualquer, mas o primeiro, aquele em que foram postas as bases de um clima que passará à história como clima de Valdocco. Dom Bosco tinha convidado a Mãe motivado por necessidades práticas. Na realidade nos planos de Deus essa presença destinava-se a transcender os limites de uma necessidade contingente, para se inscrever no quadro de uma colaboração providencial para um carisma ainda em estado nascente.

Mamãe Margarida teve consciência desta sua nova vocação. Aceitou-a com humildade e lucidez. Assim se explica a coragem demonstrada nas circunstâncias mais duras. É só pensar na epidemia da cólera. É só pensar em gestos e palavras que têm algo de profético, como usar as toalhas do altar para fazer faixas para os doentes. Valha, sobretudo, o exemplo da célebre “boa-noite”, uma nota original da tradição salesiana. Era um ponto a que Dom Bosco dava muita importância; foi inaugurado justamente pela Mãe com um pequeno sermão dirigido ao primeiro jovem abrigado.²¹ Dom Bosco depois continuaria este uso não na igreja à maneira de pregação, mas no pátio, nos corredores, ou nos pórticos, de um modo paterno e familiar.

A estatura interior desta mãe é tal que o filho, mesmo quando já experiente educador, terá sempre de aprender dela. Para resumir o que foi dito, valha o juízo do Pe. Lemoyne: “Nela podia dizer-se personificado o Oratório”.²²

²¹ Dom Bosco narra este episódio nas *Memórias do Oratório*, p. 196-197.

²² *Memorie Biografiche*, III, p. 376.

3.2 Valdocco, “uma família que educa”²³

Apesar de Valdocco ter sido a primeira – e a única – instituição assistencial e educativa fundada e dirigida pessoalmente por Dom Bosco, a fisionomia típica da obra e sobretudo o sistema educativo de prevenção aí empregado apenas podem ser bem compreendidos em conexão não somente com Dom Bosco, com a sua experiência e o seu temperamento, mas também com os dos seus ajudantes. Desde o início o Oratório foi uma empresa comunitária, construída e levada avante em interação entre o fundador e os seus colaboradores.²⁴

Dentre eles destaca-se um bom grupo de mulheres. Mamã Margarida não foi, certamente, a única colaboradora de Dom Bosco no Oratório; “outras mães viveram em Valdocco, deixando sempre a marca familiar que necessariamente provinha da sua natureza e da sua experiência”. Morta Mamã Margarida, Mariana, a irmã maior, ainda ficou no Oratório por quase um ano até sua morte. Depois “estabeleceu-se no Oratório a mãe do Pe. Rua, que era ajudada pela mãe do clérigo Bellia, pela mãe do cônego Gastaldi e outras. Viveu no Oratório também Mariana Magone, mãe do conhecido aluno de Dom Bosco”.²⁵ Após sua morte, em 1872, desaparece a presença e a influência das mães no Oratório.²⁶

²³ A fórmula é tirada do testemunho do próprio Dom Bosco: “Esta Congregação em 1841 não passava de um catecismo, um jardim de recreio festivo, ao qual em 1846 se acrescentou um Abrigo para artesãos pobres, formando um Instituto privado à semelhança de numerosa família” (G. Bosco, “Brevi notizie sulla Congregazione di S. Francesco di Sales dall’anno 1841 a 1879”, in: *Esposizione alla S. Sede sullo stato morale e materiale della Pia Società di S. Francesco di Sales*. S. Pier d’ Arena, Tip. Salesiana, 1879 (OE Vol. XXXI, p. 240).

²⁴ Cf. *Prevenir não reprimir*, p. 147.

²⁵ Cf. P. Stella, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*, Vol. I: Vita e Opere. LAS, Roma, 1997, p. 115.

²⁶ “Eram tempos em que o Colégio já estava bem organizado, a vida religiosa da Congregação já não comportava a presença de mulheres em casa e Dom Bosco já pensava nas Filhas de Maria Auxiliadora” (P. Stella, *idem*, p. 115).

Deve-se todavia ressaltar que a Mãe de Dom Bosco, durante o decênio 1846-1856, foi a principal companheira e cooperadora de Dom Bosco, partilhando com ele “pão, trabalho, cansaço, preocupações e missão juvenil”.²⁷ “Mamãe Margarida” – esse já é seu nome definitivo em Valdocco – estará ativamente presente ao primeiro desenvolvimento “exterior” da obra: primeiro oratório, “casa anexa” ou pensionato para os primeiros aprendizes e estudantes, primeiras escolas e primeiras oficinas, igreja dedicada a São Francisco de Sales, lançamento das *Leituras Católicas*, num clima de revoluções e de ameaças a Dom Bosco (1853).

Naqueles dias, vivia-se no Oratório uma vida de família despreocupadamente, falta de recursos e cheia de sonhos; muitas vezes Dom Bosco devia sair de casa ou para buscar fundos para administrar, mesmo se com simplicidade, um pensionato cada vez mais numeroso, ou para encontrar um pouco de paz e escrever os seus livros na biblioteca do Convitto ou em outro lugar. Mamãe Margarida o substituíra na assistência dos meninos, além de atender aos trabalhos domésticos ordinários, na cozinha de dia e remendando as roupas à noite. São fatos totalmente ordinários, “pequenos particulares” certamente, mas que “tiveram seu peso sob muitos aspectos da vida de Dom Bosco e dos jovens, e [que] nos ajudam a ver na sua concretude a ‘família’ do Oratório”:²⁸ o Oratório, com efeito, na intenção de Dom Bosco “tinha de ser *uma casa*, isto é, uma família, e não queria *ser um Colégio*”.²⁹

Pois bem, tempos atrás, o Pe. Egídio Viganó destacou com ênfase a volta da presença materna de Mamãe Margarida a Valdocco, e a sua contribuição para tornar “familiar” o clima do Oratório: “A heróica mudança para Valdocco de Mamãe Marga-

²⁷ P. Braidó, *Don Bosco, prete dei giovani nel secolo delle libertà*, p. 213.

²⁸ P. Stella, op. cit., p. 115. Cf. José M. Prellezo, “Don Bosco, fundador de comunidad. Aproximación a la comunidad de Valdocco”, *Cuadernos de Formación Permanente* 7 (2001), p. 166.

²⁹ A. Caviglia, “Il Magone Michele”, in: *Opere e scritti editi e inediti di Don Bosco*, Vol. V. SEI, Turim, 1965, p. 141.

rida serviu para impregnar o ambiente daqueles pobres jovens do mesmo estilo familiar do qual brotou a substância do Sistema Preventivo e tantas modalidades tradicionais a ele ligadas. Dom Bosco tinha experimentado que a formação da sua personalidade estava vitalmente radicada no extraordinário clima de dedicação e bondade (dom de si) da sua família nos Becchi e quis reproduzir as qualidades mais significativas no Oratório de Valdocco entre aqueles jovens pobres e abandonados”.³⁰

Torna-se óbvio, assim, que os componentes da “família educativa”³¹ que Dom Bosco quis se tornasse o seu Oratório não foram “todos tomados somente por idealizações pedagógicas e teológicas, mas também do cotidiano da vida rústica piemontesa”.³²

As presenças femininas das mães que foram a Valdocco e, antes de tudo, a de Mamãe Margarida, deram essa peculiar contribuição de fé e simplicidade, de concretude e sabedoria educativa.

4. A FAMÍLIA COMO MISSÃO

Estas reflexões sobre Mamãe Margarida e a sua família nos fazem compreender que a família, além de ser parte, mesmo que indireta, da nossa missão, é, antes de mais e por sua natureza, uma instituição social cujos membros se encontram unidos intimamente por relações interpessoais de vários gêneros, mas todas elas animadas por um clima afetivo, comunicativo e normativo que as caracteriza de uma particular vitalidade carismática. Os nossos destinatários são os jovens, o nosso campo de trabalho, é a educação e a evangelização deles. Ambos, porém, jovens e educação, são inseparáveis da família.

³⁰ E. Viganó, *No ano da família*. ACG 349, junho de 1994, p. 29.

³¹ Tomo a expressão do P. Braidó, *L'esperienza pedagogica di Don Bosco*. LAS, Roma, 1988, p. 138.

³² Cf. P. Braidó, *L'esperienza pedagogica di Don Bosco*. Para a reconstrução histórica é interessante todo o capítulo 4.

Lembrava-o o Pe. Egídio Viganó em seu comentário ao Sínodo dos Bispos de 1980 sobre a família, após o qual foi publicada a Exortação apostólica *Familiaris Consortio* de João Paulo II: “O compromisso da nossa vocação salesiana – escrevia o Pe. Viganó – deverá ser cumprido de maneira caracterizada com os humildes e os pobres. São eles que têm necessidade, primeiramente, da família e por eles Dom Bosco chegou – como escreve Pietro Braido – à sua invenção mais genial: o ‘carinho’ [*amorevolezza*] que educa no clima de uma família alegremente unida”.³³

4.1 “Família, torna-te o que és!”

“*Família, torna-te o que és!*”: com este apelo João Paulo II convidava as famílias de todo o mundo a reencontrar em si mesma a própria verdade e a realizá-la em meio ao mundo. Hoje, num mundo minado pelo ceticismo, não pode deixar de ressoar ainda forte a exortação do Santo Padre que encorajava as famílias a descobrir esta verdade sobre si mesmas, acrescentando, “*Família, crê no que és!*”.

“Arquitetura de Deus”, plano de Deus inviolável, a família é também “arquitetura do homem”, compromisso do homem no plano divino.

Célula da sociedade

A família é fundamento e apoio da sociedade pela sua tarefa essencial de serviço à vida: em família nascem os cidadãos e na família eles encontram a primeira escola das virtudes que são a alma da vida e do desenvolvimento da própria sociedade.

Qual comunidade interpessoal de amor, a família encontra no dom de si a lei que a guia e a faz crescer. O dom de si inspira o amor dos cônjuges entre si e se coloca como modelo e norma de realizar-se nas relações entre irmãos e irmãs, e entre as diver-

³³ E. Viganó, *Apelos do Sínodo de 1980*. ACG 299, dezembro de 1980, p. 29.

sas gerações que convivem em família. A comunhão e a participação vividas cotidianamente na casa, nos momentos de alegria e nos de dificuldade, representam para os filhos a mais concreta e eficaz pedagogia no mais amplo horizonte da sociedade. Cada criança é um dom aos irmãos, às irmãs, aos pais, para toda a família. Sua vida torna-se dom para os próprios doadores da vida, que não poderão deixar de sentir a presença do filho, sua participação na sua existência, sua contribuição para o bem na comunidade familiar e de toda a sociedade.

A mesma experiência de comunhão e de participação, que deve caracterizar a vida cotidiana em família, representa a sua primeira e fundamental contribuição à sociedade. As relações entre os membros da comunidade familiar são inspiradas e guiadas pela lei da “gratuidade” que, respeitando e favorecendo em todos e em cada um a dignidade pessoal como único título de valor, torna-se acolhida cordial, encontro e diálogo, disponibilidade desinteressada, serviço generoso, solidariedade profunda.

Assim, a promoção de uma autêntica e madura comunhão de pessoas na família se torna a primeira e insubstituível escola de socialidade. Ela representa um exemplo e um estímulo para as mais amplas relações interpessoais, evidenciando respeito, justiça, diálogo e amor, lugar nativo e instrumento eficaz de humanização e de personalização da sociedade.³⁴

Tudo isso é importante de modo especial hoje se se quiser enfrentar eficazmente os dois modelos familiares redutivos e limitadores que são fruto da sociedade consumista hodierna: o da família-fortaleza, centrada egoisticamente em si mesma, e o da família-albergue, privada de identidade e de relacionalidade. Por conseguinte, diante de uma sociedade que corre o risco de ser cada vez mais despersonalizada e massificada, e, pois, desumana e desumanizadora com os efeitos negativos de tantas for-

³⁴ Francesco di Felice, *Radici umane e valori cristiani della famiglia*. Libreria Editrice Vaticana, 2005, p. 138s.

mas de “evasão”, a família possui e liberta ainda hoje energias formidáveis, capazes de arrancar o homem do anonimato, de mantê-lo consciente da sua dignidade pessoal, de enriquecê-lo de profunda humanidade e de inseri-lo ativamente com a sua unicidade e irrepetibilidade no tecido da sociedade.

Quando serve a vida, quando forma os cidadãos de amanhã, quando comunica-lhes os valores humanos que são fundamentais para a nação, quando introduz os filhos na sociedade, a família desempenha um papel essencial: ela é patrimônio comum da humanidade. A razão natural bem como a Revelação divina contêm esta verdade. Como dizia o Concílio Vaticano II, a família constitui então “a primeira e vital célula da sociedade”.³⁵

Santuário da vida

A primeira e fundamental tarefa da família é o serviço à vida, que realiza ao longo da história a bênção originária do Criador, e transmite assim a imagem divina de homem a homem (cf. Gn 5,1ss). Esta responsabilidade brota de sua própria natureza – ser comunidade de vida e de amor, fundada sobre o matrimônio – e da sua missão de preservar, revelar e comunicar o amor. Está em jogo o próprio amor de Deus, do qual os pais são constituídos colaboradores e como que intérpretes ao transmitir a vida e educá-la segundo o seu projeto de Pai. Na família o amor continua, ao longo do tempo, a comunicar vida: faz-se gratuidade, acolhida, doação. Na família cada um é reconhecido, respeitado e honrado por ser pessoa e, se alguém tem mais necessidade, mais intensa e mais vigilante é o cuidado por ele.

A família é, pois, chamada em causa em todo o período de existência dos seus membros, do nascimento à morte. Ela é verdadeiramente o santuário da vida, o lugar em que a vida, dom de Deus, pode ser adequadamente acolhida e protegida contra os

³⁵ *Apostolicam Actuositatem*, n. 11.

múltiplos ataques a que se acha exposta e pode desenvolver-se segundo as exigências de um autêntico crescimento humano.

Como Igreja doméstica, a família é chamada a anunciar, celebrar e servir o Evangelho da vida. Na procriação de uma nova vida, os pais advertem que o filho, se é fruto de sua recíproca doação de amor, é, por sua vez, um dom para ambos, um dom que jorra do “Dom”.

Anunciadora do evangelho da vida

É sobretudo por intermédio da educação dos filhos que a família cumpre sua missão de anunciar o Evangelho da vida. Com a palavra e com o exemplo, na cotidianidade das relações e também das opções com gestos e sinais concretos, os pais introduzem seus filhos na liberdade autêntica que se realiza no dom sincero de si, e desenvolvem neles o respeito do outro, o sentido da justiça, a acolhida cordial, o diálogo, o serviço generoso, a solidariedade e qualquer outro valor que ajude a compreender a vida como vocação e como missão de amor.

Assim, mesmo em meio às dificuldades da ação educativa, os pais devem com confiança e coragem formar os filhos nos valores essenciais da vida humana. E os filhos devem crescer numa justa liberdade ante os bens materiais, adotando um estilo de vida simples e austero, bem convencidos de que o homem vale mais por aquilo que é do que por aquilo que tem.

A ação educativa dos pais cristãos torna-se destarte serviço à fé dos filhos e ajuda para que correspondam à vocação recebida de Deus. Integra a missão educativa dos pais ensinar e testemunhar aos filhos o verdadeiro sentido do sofrer e do morrer: poderão fazê-lo se souberem estar atentos a qualquer sofrimento que encontram em torno de si e, antes ainda, se souberem desenvolver atitudes de vizinhança, de assistência e partilha com os pequenos, doentes e idosos no âmbito familiar.

Estamos todos conscientes de que crianças, meninos e jovens têm necessidade de uma educação humana e afetiva, que

lhes estimule a personalidade. Têm necessidade de uma educação de sua sexualidade, que, para ser válida e plenamente humana, deve caminhar *pari passu* com a descoberta da capacidade de amar, inscrita por Deus no coração do homem. Trata-se de uma formação harmônica do amor co-responsável, guiada ao mesmo tempo pela Palavra de Deus e pela razão.

Escola de empenho social

Outra tarefa da família é a de formar os próprios filhos no amor e de praticar o amor em todo relacionamento interpessoal, de modo que a família não se feche no próprio âmbito, mas permaneça aberta à comunidade, inspirada pelo sentido da justiça, da solidariedade e da solicitude para com os outros, além do dever da própria responsabilidade para com a sociedade inteira.

Assim o serviço ao Evangelho da vida se expressa na concretização da solidariedade. A tarefa social da família não pode limitar-se à obra procriadora da geração biológica e à educação dos filhos. As famílias cristãmente inspiradas sentem um contínuo chamado a abrir-se às necessidades do próximo. Portanto, particularmente ou de forma associada, elas podem e devem dedicar-se a múltiplas obras de serviço social, especialmente a favor dos pobres. Tal obra se torna particularmente importante para socorrer todas as pessoas e situações que a organização previdencial e assistencial das autoridades públicas não consegue atingir.

Animada e apoiada pelo mandamento novo do amor, a família cristã vive a acolhida, o respeito, o serviço a qualquer outro homem, considerado sempre na sua dignidade de pessoa e de filho de Deus. A caridade vai além dos próprios irmãos de fé, porque “todo homem é meu irmão”; em cada um, sobretudo se pobre, fraco, sofredor e injustamente tratado, a caridade sabe descobrir o rosto de Cristo e um irmão para amar e servir. A família cristã se põe a serviço do homem e do mundo, realizando de fato uma autêntica “promoção humana”.

Sabemos todos que a distribuição injusta dos bens entre o mundo desenvolvido e o em via de desenvolvimento, entre ricos e pobres do mesmo país, o uso dos recursos naturais somente em benefício de poucos, o analfabetismo de massa, a permanência e ressurreição do racismo, o florescimento de conflitos étnicos e os conflitos armados têm sempre produzido um efeito devastador na família. E, por outro lado, deve-se ressaltar que a família é o primeiro e principal ambiente educativo no qual podem florescer valores diversos, inspirados na comunhão e no amor.

A título de exemplo, gostaria de destacar a importância cada vez maior que na nossa sociedade assume a *hospitalidade*, em todas as suas formas: do abrir a porta da própria casa e ainda mais do próprio coração aos apelos dos irmãos, ao compromisso concreto de garantir a cada família uma casa própria, como ambiente natural que a conserva e faz crescer. Sobretudo a família cristã é chamada a ouvir e a fazer-se testemunha da recomendação do Apóstolo: “Prossegui firmes na prática da hospitalidade” (Rm 12,13). Realizará assim, imitando o exemplo e partilhando a caridade de Cristo, a acolhida do irmão necessitado: “Quem der, ainda que seja um copo de água fresca a um destes pequenos, por ser meu discípulo, em verdade eu vos digo: não ficará sem receber sua recompensa” (Mt 10,42).

Outra expressão particularmente significativa de solidariedade para com as famílias é a disponibilidade para adotar ou confiar meninos abandonados pelos pais ou de algum modo em situações de grave desconforto. O verdadeiro amor paterno e materno sabe ir além dos laços da carne e do sangue e acolher também filhos de outras famílias, oferecendo a eles o necessário para a sua vida e seu pleno desenvolvimento.

Os Padres da Igreja falaram muitas vezes da família como de “igreja doméstica”, de “pequena igreja”. “Estar juntos” como família, traduz-se no ser uns para os outros e no criar um espaço comunitário para a afirmação de todo homem e de toda mulher.

Por vezes se trata de pessoas com deficiências físicas ou psíquicas, das quais a sociedade, chamada “progressista”, prefere livrar-se. Alguma vez também alguma família que se diz cristã pode comportar-se segundo estes cânones. É muito triste quando as pessoas se desembaraçam de quem é idoso ou apresenta deformações ou é atingido por doenças. Age-se dessa maneira porque falta a fé naquele Deus pelo qual “todos vivem” (Lc 20,38) e pelo qual todos são chamados à plenitude da Vida.

4.2 “Família, crê no que és!”

A família não é o produto de uma cultura, o resultado de uma evolução, um modo de vida comunitário ligado a determinada organização social: ela é uma instituição natural, anterior a toda organização política ou jurídica. Tem a própria consistência de uma verdade por ela não produzida, porque querida diretamente por Deus. Numa fidelidade sem reservas, o homem e a mulher se dão um ao outro e se amam com um amor aberto à vida.

O que até agora vos comuniquei está expresso de maneira autorizada no quarto dever que a *Familiaris Consortio* confia à família: a formação de uma comunidade de pessoas, o serviço à vida, a participação no desenvolvimento da sociedade, a missão evangelizadora.

Mas para que tais tarefas se realizem e, então se cumpra o apelo dirigido às famílias pelo Papa João Paulo II: “Família, crê no que és!”, é necessário antes de mais que a família – os cônjuges, os filhos e todos os componentes do núcleo familiar – se convença de tais tarefas, que provêm da própria natureza e da missão da instituição familiar e fazem parte do plano de Deus para a família e cada uma das pessoas que a compõem.

Trata-se de uma convicção que, para os crentes, não é apenas de ordem racional ou social, mas se apóia na fé em Deus que criou a célula familiar como comunidade de amor e de vida, e mediante o seu Filho santificou com a graça do sacramento, para que seja para todos sinal e instrumento de comunhão.

5. APLICAÇÕES PASTORAIS E PEDAGÓGICAS

Como de costume, a Estréia, e de modo particular esta de 2006, nos dá a oportunidade de oferecer a toda a Família Salesiana algumas sugestões pastorais e aplicações pedagógicas.

Vi e apreciei o esforço bem produtivo de algumas Inspetorias Salesianas para traduzir em programas educativos a *Proposta Pastoral* com a qual quis acompanhar esta Estréia, como já havia feito em 2004. A revista *Note di Pastorale Giovanile* também dedicou um número monográfico para aprofundar o tema e oferecer oportunos e preciosos subsídios. Convido-vos a ter presentes todos esses materiais, que podem ser muito úteis, ao mesmo tempo que pessoalmente vos torno a propor as grandes linhas inspiradoras da proposta pastoral.

Eis as minhas indicações

Garantir uma atenção especial à família na nossa proposta educativa e evangelizadora exige, ente outras coisas:

• **Garantir um especial empenho de educar para o amor** no âmbito da ação educativa salesiana e no itinerário de educação na fé proposto aos jovens. O CG23 apresentava a educação para o amor como um dos nós em que se manifesta a incidência da fé sobre a vida ou a sua irrelevância prática. A experiência típica de Dom Bosco e o conteúdo educativo e espiritual do Sistema Preventivo nos orientam a:

- dar especial importância ao empenho de criar em torno dos jovens um clima educativo rico de intercâmbios comunicativo-afetivos;
- apreciar os valores autênticos da castidade;
- promover as relações entre rapazes e moças no respeito de si e dos outros, na reciprocidade e no enriquecimento mútuo, na alegria de uma doação gratuita;
- garantir no ambiente educativo a presença de testemunhos límpidos e felizes de amor, de modo especial mediante a doação na castidade.

- **Acompanhar e apoiar os pais em suas responsabilidades educativas**, envolvendo-os plenamente na realização do Projeto educativo-pastoral salesiano.

O CG24, falando do envolvimento dos leigos na missão salesiana, reconhecia o compromisso dos pais e o papel das famílias nas nossas presenças, mas exigia também que se intensificasse a colaboração com a família, como primeira educadora dos seus filhos e das suas filhas (cf. CG24, 20 e 177). Para isso propunha que se valorizasse a relação insubstituível dos pais e das famílias dos jovens, favorecendo a constituição de comissões e associações que podem garantir e enriquecer com sua participação a missão educativa de Dom Bosco (cf. CG24, 115).

- **Promover e qualificar o estilo salesiano de família**: na própria família, na comunidade salesiana, na comunidade educativo-pastoral.

O espírito salesiano de família constitui uma característica da nossa espiritualidade (cf. CG24, 91-93) e se expressa:

- na escuta incondicional do outro;
- na acolhida gratuita das pessoas;
- na presença animadora do educador entre os jovens;
- no diálogo e na comunicação interpessoal e insubstituível;
- na co-responsabilidade num projeto educativo partilhado.

- **Crescer no espírito e na experiência de Família Salesiana** a serviço do compromisso educativo e pastoral entre os jovens.

A Família Salesiana nos pede de modo especial um empenho convergente para oferecer a cada jovem uma proposta e um acompanhamento vocacional adequado e exigente (cf. CG25, 41 e 48). Para isso é preciso crescer como Família mediante:

- o bom funcionamento da Consultoria da Família Salesiana;
- a inserção de jovens nela;
- iniciativas e atividades que levem a Família Salesiana a operar sempre mais como “movimento espiritual apostólico”.

Algumas sugestões práticas

- Preparar, no itinerário de formação dos jovens, um *caminho gradual e sistemático de educação no amor*, que ajude os adolescentes e os jovens:

- a captar o valor humano e cristão da sexualidade;
- a amadurecer um relacionamento positivo e aberto entre rapazes e moças;

- a enfrentar, à luz da dignidade da pessoa humana, valores da vida e critérios do Evangelho, as diversas questões modernas sobre a vida e sobre a sexualidade humana;

- a abrir-se ao projeto de Deus como caminho concreto para viver a própria vocação para o amor.

Dever-se-á dar especial importância a este aspecto nos percursos formativos propostos nas associações e nos grupos do Movimento Juvenil Salesiano e no acompanhamento pessoal dos jovens.

- Promover entre os jovens adultos dos nossos ambientes (animadores, voluntários, colaboradores jovens...) *percursos concretos de formação, acompanhamento e discernimento da vocação para o matrimônio cristão*. Nesse empenho se procurará suscitar a colaboração de casais cristãos já inseridos nos grupos laicais da Família Salesiana.

- Suscitar nas nossas presenças *grupos, movimentos e associações de casais e de famílias* que as possam ajudar a viver e a aprofundar a própria vocação matrimonial e a assumir com empenho as próprias responsabilidades educativas. Na Família Salesiana existem os grupos de “Famiglie Don Bosco”, “Hogares Don Bosco”, promovidos e animados pelos Cooperadores Salesianos. Mas existem também várias outras associações familiares como “Movimento Familiar Cristão”, “Encontros de Casais” etc.

- Apoiar os pais dos rapazes/moças das nossas obras em sua responsabilidade educativa, mediante a criação de *associações*

de pais, escolas de pais etc. com uma proposta concreta e sistemática de formação e partilha sobre temáticas educativas.

- Revigorar em cada presença salesiana *a comunidade educativo-pastoral*, com particular atenção às relações pessoais e ao clima de família, à participação mais ampla possível e à partilha dos valores salesianos e dos objetivos do projeto educativo-pastoral. Desta maneira, a obra salesiana se tornará uma casa para os meninos e também um apoio para as famílias envolvidas.

- *Envolver as famílias no caminho de educação e de evangelização* que propomos e animamos entre os jovens, através de iniciativas como encontros de partilha entre pais e filhos, catequese familiar, envolvimento de pais na animação dos grupos do MJS, celebrações e encontros juntos, comunidades cristãs familiares como ponto de referência para o caminho de fé proposto aos jovens etc.

- Encorajar, preparar e acompanhar os nossos leigos para que *promovam e defendam na sociedade os direitos da família*, diante de leis e situações que a prejudicam.

- Aprofundar o *sentido de Família Salesiana* entre os diversos grupos presentes num mesmo território, mediante o conhecimento e a partilha da *Carta da comunhão* e da *Carta da missão* e a atuação da “Consultoria da Família Salesiana” nos diversos níveis.

CONCLUSÃO: UMA LENDA DE SABOR SAPIENCIAL

E agora, para concluir, como fiz em anteriores comentários da Estréia, apresento-vos uma lenda que pode representar uma síntese de quanto expressei neste comentário.

Uma família

No coração de um grande vale coberto de campos, prados e bosques, numa pequena casa de dois andares, vivia uma família feliz. Compunha-se, então, de mãe, pai e um menino loiro, de seis anos. O pai trabalhava numa fábrica de torneiras, a mãe cultivava a horta atrás

da casa e governava com autoridade doze galinhas tagarelas e um galo prepotente. O menino ia à escola feliz e ufano de seus progressos: já tinha aprendido a escrever o próprio nome e sabia o significado da palavra “efervescente”.

No centro do vale corria um regato alegre e tortuoso.

A casucha ficava um pouco isolada do povoado e assim, no domingo, a pequena família comprimia-se num pequeno auto e ia à missa na igreja paroquial. Depois, conforme a estação, comiam um sorvete ou bebiam chocolate quente.

À noite, havia sempre em casa um pouco de balbúrdia, porque o menino, antes de ir para a cama, sempre encontrava uma desculpa, como contar as estrelas ou os vaga-lumes ou os quadradinhos da toalha.

Antes de dormir, todos rezavam juntos. Um anjo de Deus recolhia todas as noites as orações e as levava para o céu.

Num outono, choveu por muitos dias. O regato tornou-se uma torrente de água escura. Em determinado ponto, troncos e lama formaram um dique que criou lago lamacento. À noitinha, sob a pressão da água, o dique rompeu-se. O vale começou a submergir-se na água.

O pai, então, acordou a mãe e o menino. Assustados, estretaram-se num abraço, porque a água havia invadido o andar térreo. E continuava a subir. Cada vez mais escura, cada vez mais veloz.

“Vamos subir ao telhado!”, disse o pai. Tomou o menino, que, olhos apavorados, se lhe pendurava silencioso ao pescoço, subiu ao forro e daí ao telhado. A mãe os seguiu.

No teto sentaram-se quais náufragos numa ilhota que se tornava cada vez mais pequenas. Porque a água continuava a subir e chegou implacável aos joelhos do pai.

O bom homem firmou-se bem no telhado, abraçou a mãe e lhe disse: “Pega o menino nos braços e sobe em meus ombros!”.

Mãe e filho subiram nos ombros do pai, que continuou: “Põe-te de pé sobre meus ombros e ergue o menino sobre os teus. Não tenhas medo. Aconteça o que acontecer, eu não te largarei!”.

A mãe beijou o menino e disse: “Estás sobre meus ombros e não tenhas medo. Aconteça o que acontecer, eu não te largarei!”.

A água continuava a subir. Submergiu o pai, e seus braços estendidos seguravam a mãe, depois engoliu a mãe e seus braços estendidos seguravam o menino. Mas o pai não largou a presa nem a mãe. A água continuou a subir. Chegou à boca do menino, aos olhos, à frente.

O anjo do Senhor, que costumava recolher as orações da noite, viu apenas um cabelinho loiro despontar da água turva.

Com leve movimento pegou a madeixa loira e puxou. Preso aos cabelos loiros subiu o menino, e presa ao menino veio a mãe e preso à mãe veio para tona o pai. Nenhum havia largado a presa.

O anjo alçou vôo e pousou docemente a original cadeia na colina mais alta, onde a água jamais haveria de chegar. Pai, mãe e menino rolavam sobre a erva. Depois se abraçaram chorando e rindo.

Em vez das orações, naquela noite o anjo levou ao céu o amor. As legiões celestes vibraram num fragoroso aplauso.

Eis, meus caros, trata-se de uma “parábola” muito salesiana, porque a mensagem é que começando dos pequenos levamos para o alto o resto da família.

Renovando votos de um Bom Ano de 2006, que iniciamos sob a proteção de Maria, a Mãe de Deus. Que ela nos ensine a contemplar a família que conseguiu criar em Nazaré para compreender-lhe o segredo e imitá-la.

Com afeto, em Dom Bosco,



Pe. Pascual Chávez V.
Reitor-Mor

Solenidade da Maternidade divina de Maria
Roma, 1º de janeiro de 2006.

2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES

INDICAÇÕES PARA A ANIMAÇÃO DA FAMÍLIA SALESIANA EM NÍVEL INSPETORIAL E LOCAL

Pe. Adriano BREGOLIN
Vigário do Reitor-Mor

Concluída a revisão da programação do sexênio em relação à Família Salesiana, feita pelo Conselho Geral em junho passado, parece-me oportuno referir-me a alguns elementos aos quais se deveria prestar atenção em nível inspetorial e local, em vista de uma mais eficaz animação da Família Salesiana.

1. A CONSULTORIA INSPETORIAL DA FAMÍLIA SALESIANA

É um organismo de comunhão, previsto no art. 37 da Carta de Comunhão (1998). Ela é convocada com a finalidade de cultivar o sentido de pertença à Família Salesiana, numa redescoberta comum do Carisma de Dom Bosco, que é participado a todos os grupos, e com o objetivo de reforçar a colaboração em vista da missão juvenil.

A Consultoria, conduzida na regularidade dos encontros e no espírito de fraternidade que a deve animar, será um grande instrumento para a sensibilização de todos os grupos da Família Salesiana e para o crescimento na consciência da missão, à qual somos todos chamados (embora com especificidades diversas).

Apresentando novamente algumas indicações de precedentes conselheiros gerais para a Família Salesiana, recorde que ela pode agir:

Em nível formativo, segundo os seguintes pontos:

1. Estudar Dom Bosco fundador para conhecer, entender e assumir o seu projeto fundacional e seus critérios de ação pastoral.

2. Conhecer experiências positivas de ação pastoral, como Família Salesiana, na história da Congregação e da Família Salesiana. Aniversários e ocorrências (centenários, cinqüentenários etc.) são ocasiões propícias para adquirir ou aprofundar esses conhecimentos.

3. Adquirir conhecimentos diretos e concretos sobre os grupos da Família Salesiana e valorizar a sua identidade específica.

4. Fazer algumas experiências concretas de Família Salesiana, também de ações em comum, que sejam planejadas e revistas com explícito sentido formativo.

5. Fazer com que o Projeto Educativo Pastoral Salesiano (PEPS) envolva realmente toda a Família Salesiana em vista da missão salesiana comum, na consciência da recíproca autonomia e complementaridade.

6. Estimular os SDB a se sentirem parte da Família Salesiana e não acima dela, de modo que possam adquirir o sentido de pertença e desenvolver uma visão de reciprocidade (e não hierárquica).

Em nível pastoral:

1. Conhecer bem os desafios pastorais da Igreja local, na qual a Família Salesiana se insere: desafios gerais e desafios particulares para a missão salesiana específica.

2. Criar relações confiança recíproca e de colaboração com os bispos e com as forças vivas da Igreja, privilegiando as pessoas, os grupos e as forças mais que mais correspondam à própria missão específica. A Igreja local deve-nos considerar de casa, e não hóspedes ou intrusos.

3. Entrar em contato e criar relações de colaboração com as forças vivas da sociedade civil que estejam interessadas direta ou indiretamente na missão da Família Salesiana. A cidade ou a região deve sentir o benefício das nossas iniciativas e poder-nos considerar também de casa.

4. Com vivo sentido de Igreja local, a Família Salesiana confronta o conjunto dos desafios pastorais e sociais com o conjunto das atividades específicas da missão salesiana, para determinar as urgências pastorais e para responder com respostas adequadas, dando origem a um PEPS comum à Família Salesiana.

Convido a todos os inspetores a darem vida à Consulta inspetorial e a serem os seus primeiros animadores, no espírito do art. 5 das nossas Constituições. Isso exige uma reflexão no Conselho Inspetorial e uma programação específica e possível a atuar gradualmente. Como já foi acenado acima, hoje tomamos consciência de que os nossos irmãos se sentem muitas vezes pouco envolvidos e pouco participantes. A Família Salesiana não é “algo a mais” em nosso trabalho apostólico. É um

modo particular de viver o Carisma Salesiano, desde suas origens, com o máximo envolvimento de religiosos e de leigos.

2. DELEGADO INSPETORIAL PARA A FAMÍLIA SALESIANA

Embora essa figura não seja consolidada e típica em todas as inspetorias, é bom que cada inspetoria ou visitadoria tenha um irmão particularmente dedicado à animação da Família Salesiana. Na maior parte das vezes esse papel é confiado ao vigário do inspetor (à semelhança do que é hoje a organização do Conselho Geral). Sua tarefa será atuar como coordenador das várias iniciativas em nível inspetorial. Manter contatos, em nome do inspetor, com os vários grupos e cuidar para que o trabalho dos delegados e assistentes, em nível inspetorial e local, seja realizado com diligência e solicitude para a consolidação contínua de cada grupo.

Caso em suas inspetorias essa figura ainda não esteja presente, é oportuno estabelecer quem deve desenvolver esse encargo particular, indicando-o também nos respectivos elencos em nível geral e inspetorial.

3. DELEGADOS E ASSISTENTES

Alguns grupos da Família Salesiana recebem um serviço particular de animação através dos delegados (Cooperadores e Ex-alunos) ou assistentes eclesiais (Voluntárias de Dom Bosco e Voluntários com Dom Bosco), nomeados segundo os acordos incluídos nos textos constitucionais ou segundo os acordos previstos através de Convênios.

Em vista da nomeação para esse ministério, convido a escolherem e proporem irmãos vibrantes, com dotes necessários para essa tarefa de animação, possivelmente não muito idosos. A animação da Família Salesiana não deveria ser uma obediência de expediente, mas um campo de apostolado através do qual as forças salesianas no território assumem uma maior vitalidade e influem positivamente no contexto civil e eclesial. Para isso tudo são necessárias pessoas com um grande entusiasmo e boas capacidades.

Peço que sigam, para a nomeação desses irmãos, também na forma, o que está previsto em cada estatuto ou convênio (informação e diálogo com os responsáveis dos vários grupos).

Viu-se, no Dicastério para a Família Salesiana, a prioridade de um caminho de formação dos delegados e assistentes. Por essa razão, pensou-se em programar nestes dois anos encontros específicos, em nível de Região e, onde for possível, em nível inspetorial.

4. A ESTRÉIA DO REITOR-MOR COMO INSTRUMENTO UNITÁRIO DE ANIMAÇÃO DA FAMÍLIA SALESIANA

Nestes últimos anos, a Estréia do Reitor-Mor tem sido muito valorizada pelas inspetorias salesianas como instrumento de formação para as comunidades salesianas e como base para a organização de itinerários pastorais com os jovens.

Da mesma forma, a Consulta Mundial da Família Salesiana fez a opção de que a Estréia permaneça o ponto de referência para a reflexão da Família Salesiana no seu conjunto, sobretudo por ocasião das Jornadas de Espiritualidade Salesiana, que se realizam no mês de janeiro no Salesianum, em Roma.

Convido os inspetores e os diretores das comunidades locais a levarem em conta esta indicação, valorizando a Estréia do Reitor-Mor como “instrumento unitário” de animação da Família Salesiana. Tudo isso poderá ser concretizado em momentos comuns de reflexão, na produção de subsídios correlatos ao tema e em ações de tipo pastoral que visem traduzir na prática o que o Reitor-Mor passa a indicar como prioridade com a sua mensagem anual.

Uma atenção especial à Estréia haverá de consolidar em todos a consciência de que o Reitor-Mor, como sucessor de Dom Bosco, é o pai e o centro de unidade da Família Salesiana (cf. C 126).

4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL

4.1 CRÔNICA DO REITOR-MOR

Setembro de 2005

O Reitor-Mor iniciou o mês de setembro em Cartum, Sudão, última etapa de sua visita à Inspeção da África Leste (AFE), por ocasião dos 25 anos de presença salesiana no Quênia, Tanzânia, Sudão e Uganda.

Retornando à sede pelo meio-dia da sexta-feira 2, pôs-se imediatamente ao trabalho no escritório. À noite, após o jantar, presidiu uma breve reunião com os conselheiros presentes, para a aprovação de algumas nomeações.

Presidiu a Eucaristia no sábado, dia 3, para a posse do novo diretor da Casa Geral, padre José Manuel Guijo; em seguida recebeu alguns irmãos.

No dia seguinte, à tarde, foi a Turim para a *Visita de Conjunto* das Inspetorias da Polônia e da Circunscrição Leste, que se realizou no Colle Don Bosco de 4 a 7 de setembro.

O Reitor-Mor retornou a Roma na tarde do dia 7 de setembro. No dia seguinte foi à casa do Sacro Cuore, onde se encontrou com os diretores do Boletim Salesiano, indo em seguida ao aeroporto para uma viagem a Papua Nova Guiné, com a finalidade de celebrar os 25 anos da presença salesiana. Em Papua visitou a casa de Araimiri, berço da presença salesiana naquele país, onde se realizaram as celebrações

do Jubileu, e as obras de Boroko e de Gabutu. Durante os dias da visita, o Reitor-Mor encontrou-se com o nuncio apostólico, com alguns bispos, com os irmãos, os formandos, as Filhas de Maria Auxiliadora e outros grupos da Família Salesiana, com colaboradores leigos e com os jovens, com os diretores e com o Conselho da Delegação, além de estar disponível para colóquios pessoais. O padre Chávez retornou à sede de Roma pelo meio-dia da sexta-feira, 16 de setembro.

O Reitor-Mor permaneceu na Casa Geral nos dias 16 a 24 desenvolvendo suas atividades ordinárias. No domingo 18 recebeu os conselheiros gerais presentes e dois bispos salesianos vindos a Roma para o curso de bispos novos, e outros irmãos; no dia seguinte visitou o padre Antonio Domenech no hospital; terça-feira 20 fez uma reunião do Conselho e foi à UPS para encontrar-se com os missionários que estavam se preparando para o envio missionário; quarta-feira 21 recebeu o cardeal Tarcisio Bertone e deu a boa-noite aos irmãos da Casa Geral. Quinta-feira 22 recebeu o padre Biagio Amata, ex-decano da FLCC, e o inspetor do Paraguai, padre Miguel Angel Cardozo; no dia seguinte, recebeu dom Luis Felipe Gallardo, bispo da Prelazia Mixopolitana.

À noite do sábado, dia 24, o Reitor-Mor partiu para Turim e na manhã seguinte, domingo 25, foi ao Colle Don Bosco, onde falou aos participantes do *Harambée 2005* e presidiu a Eucaristia de envio da 135ª expedição missionária. À noite retornou a Roma.

Os dias 26 e 27 vêem o padre Chávez empenhado no *Simpósio da Vida Consagrada* e os dias 28 a 30, até ao meio-dia, na *plenária* da Congregação da Vida Consagrada. À noite de sexta-feira 30 vai à UPS, onde se encontra com o reitor magnífico, os vice-reitores e decanos da Universidade.

Outubro de 2005

No sábado 1º e no domingo 2 de outubro, o Reitor-Mor trabalha no escritório, recebe irmãos e tem uma reunião com os conselheiros presentes.

De segunda-feira 3 até domingo 9 à noite, o padre Chávez visita a Delegação Salesiana da Holanda e a Inspeção da Bélgica Norte. Nos dois lugares dedica a maior parte do tempo aos encontros com o Conselho Inspeção e com o da Delegação, com os diretores, com os irmãos, com os colaboradores leigos, com representantes da Família Salesiana e com os jovens; visita também diversas comunidades e obras: Amsterdã, Soest, Apeldoorn,

Deventer e Assel, na Holanda; Groot Bijgaarden, Saint-Pieters-Woluwe, Oud-Heverle, Zwijnaarde e Saint-Denijs-Westrem, Eeklo e Hechtel, em Flandres. Justamente em Hechtel, berço da presença salesiana nos Países Baixos, no sábado 8 de outubro, aconteceu a solene celebração eucarística, a homenagem reconhecida por parte do prefeito de Hechtel-Exel na Casa do Consistório da Prefeitura, a exposição de todas as casas desta nova realidade salesiana, fruto da fusão da Holanda com a Bélgica Norte, e o musical ao redor da figura de Dom Bosco. À noite daquele dia, o Reitor-Mor, acompanhado pelo padre Albert Van Hecke, pelo inspetor e pelo secretário padre Juan José Bartolomé, visitou ainda a comunidade de Helchteren. A permanência na Bélgica foi concluída no domingo com a visita à comunidade da Procuradoria Missionária em Boortmeerbeek, onde se encontrou com um grupo de ex-missionários e missionários, celebrou a Eucaristia da qual participou parte de um grupo de jovens das Comunidades Emaús, e almoçou com a comunidade. Às 21 horas retornou à sede.

De segunda-feira 10 até terça-feira 18, o Reitor-Mor presidiu a *Reunião Intermédia do Conselho Geral*

com reuniões no final da manhã e da tarde. Como de costume, durante esses dias, o padre Chávez recebeu vários irmãos.

Terça-feira 11, pela manhã, presidiu a Eucaristia para os conselheiros das Inspetorias IAD, ILT, IRO e da Visitadoria ISA, reunidos para levar adiante o projeto da nova configuração e revitalização da presença salesiana na Itália central. Ao almoço, teve como hóspedes dom Gaston Ruvezi, bispo de Kafubu-Kipushi, e o novo bispo salesiano de Kaga-Bandoro, dom Albert Vanbuel. Após o almoço, recebeu o inspetor do Vietnã com um grupo de irmãos daquela inspetoria.

Quarta-feira à noite, após o jantar, encontrou-se com um grupo de jovens voluntários e cooperadores salesianos.

No dia seguinte, quinta-feira 13, à noite, o Reitor-Mor presidiu a Eucaristia do Conselho restrito durante a qual o padre Antonio Domenech fez a homília, compartilhando a sua vivência espiritual neste momento de sua vida.

Sábado 15, o Reitor-Mor recebeu alguns benfeitores do Sudão, representantes de um grupo nascido e crescido no interior da Família Salesiana, o inspetor da Croácia e seus conselheiros e, à noite, dom Luc Van Looy.

Domingo 16, encontrou-se com os pós-noviços da Comunidade de São Tarcísio em Roma.

Segunda-feira, 17, depois do almoço, acompanhado pelo seu vigário, padre Adriano Bregolin, e pelo padre Enrico Dal Covolo, foi a Bergamo para um encontro com os dirigentes da Fundação Italcementi, em vista do projeto de um Centro de Formação Profissional a ser criado no Sri Lanka. Retornaram à noite.

Terça-feira 18, antes do almoço, recebeu dom Joseph Anthony Irudayaraj, bispo salesiano de Dharmapuri, Índia; e, à tarde, o senhor Michele Ferrero, Presidente da Fundação Ferrero. À noite manteve um último encontro intermédio do Conselho.

Quarta-feira 19, acompanhado pelo seu secretário e pelo padre Francesco Cereda, foi à UPS para a inauguração do Ano Acadêmico 2005-2006. Ali presidiu a Eucaristia; enquanto o cardeal Ângelo Sodano fez a conferência.

Partiu, no dia seguinte, para a Colômbia. Chegando em Rionegro à noite, foi acolhido pelo inspetor, que o levou ao pré-noviçado onde se encontrou, na sexta-feira 21, com os irmãos em formação inicial e com os jovens em caminhada vocacional. À noite, em Medellín, encontrou-se com a Família Salesiana. Presidiu no sá-

bado 22 a festa da comunidade inspetorial, que foi realizada na sede do pós-noviciado em Copacabana; à noite deu-se o Encontro Cultural Juvenil no Instituto Pedro Justo Berrío. Participou no domingo 23 da celebração na qual o prefeito de Medellín conferiu uma Medalha ao Mérito para a obra dos meninos de rua da Cidade Dom Bosco. Depois do almoço, acompanhado pelo seu secretário e pelo inspetor com o seu Conselho Inspetorial, partiu para Bogotá.

A partir de domingo 23 à noite até o dia 28, o padre Chávez presidiu a *Visita de Conjunto* da Região Interamérica. Nesses dias, conversou com os inspetores e com outros conselheiros inspetoriais e, com o padre Adriano Bregolín, padre Francesco Cereda e outros inspetores, visitou a Casa Geral do Instituto das Filhas dos Sagrados Corações de Jesus e de Maria, por ocasião do centenário da sua fundação.

O Reitor-Mor visitou no sábado 29 e no domingo 30 a Inspeção São Pedro Claver, de Bogotá. No primeiro dia, no teologado, presidiu a Eucaristia com as profissões perpétuas de irmãos das duas inspetorias da Colômbia e encontrou-se com os irmãos da Inspeção COB. Depois do almoço foi ao Centro Dom Bosco para um encontro com os jovens do Movi-

mento Juvenil Salesiano de todas as obras dos SDB e das FMA. À noite, no pós-noviciado, falou aos diretores e deu a boa noite a eles e aos pós-novícios. No dia seguinte, na sede do Colégio Leão XIII, manteve um encontro com os Conselhos das duas inspetorias das Filhas de Maria Auxiliadora e das Filhas dos Sagrados Corações, depois do que falou a toda a Família Salesiana para o funeral de um irmão salesiano, reuniu-se com os delegados da Pastoral Juvenil SDB e FMA e com os coordenadores dos serviços inspetoriais e suas equipes. À noite, partiu para o Brasil.

O Reitor-Mor concluiu o mês de outubro, recebendo o *Doutorado Honoris Causa* em Ciências da Educação, que lhe foi conferido pela Universidade Católica Dom Bosco de Campo Grande.

Novembro de 2005

Na terça-feira, 1º de novembro, o padre Chávez encontrou-se com os diretores e os formandos da Inspeção de Campo Grande em Lagoa da Cruz. Celebrou ali a missa e em seguida fez uma visita à UCDB e ao novo Museu Missionário em construção. À noite, partiu para São Paulo.

Presidiu a Eucaristia, no dia seguinte, para irmãos e representantes da Família Salesiana, benzeu uma

estátua de Dom Bosco e descerrou uma placa comemorativa da sua visita: em seguida, depois de um momento de convívio fraterno, encontrou-se com os irmãos da inspetoria. À noite partiu para Roma, onde chegou pelo meio-dia da quinta-feira 3 de novembro.

O Reitor-Mor ficou na sede de sexta-feira 4 a domingo 6, recebeu alguns irmãos e visitou o padre Antonio Domenech, recolhido à enfermaria da UPS. Desde domingo à noite até quarta-feira 9 presidiu a *Visita de Conjunto* da zona CIMEC da Região Europa Norte, convocada para o Salesianum.

Na manhã de quinta-feira 10, dirigiu uma saudação aos membros da Consultoria Mundial da Pastoral Juvenil e, à tarde, voltou a visitar o padre Antonio Domenech.

Partiu, no dia seguinte, para Turim, onde fez, à noite, as tomadas para o vídeo de apresentação da Estréia 2006 e deu a boa-noite aos irmãos das comunidades de Valdocco. No sábado 12, pela manhã, reuniu-se com o chanceler da Cúria, um médico e outros especialistas, também com a presença do inspetor, do diretor e do vigário da comunidade, do reitor da Basílica, e de outros três irmãos e três FMA, para o reconhecimento do corpo de Dom Bosco. Logo em seguida,

visitou o canteiro de obras para a restauração do altar de Dom Bosco e da cúpula. Depois do almoço, acompanhado pelo inspetor padre Pietro Migliasso e pelo padre Juan José Bartolomé, foi a Cuneo, para as celebrações do 75º aniversário da presença salesiana naquela cidade piemontesa. Com os jovens, manteve um encontro sobre a família, participou de um espetáculo no oratório, deu a partida para os participantes da *stracuni* (corrida pelas ruas de Cuneo) e presidiu a Eucaristia. Retornou à sede no domingo à noite.

Pela manhã da segunda-feira 14, o padre Chávez empenhou-se nos colóquios com diversos inspetores e, à noite, encontrou-se com o pessoal do Instituto Histórico Salesiano.

Ao meio-dia de terça-feira 15 partiu para a Sicília, aonde teve um encontro com a Comunidade Santo Tomás, de Messina. No dia seguinte, pela manhã, encontrou-se com os diretores e os irmãos da inspetoria e, à noite, fez a conferência de inauguração do ano acadêmico 2005-2006.

Retornou a Roma na quinta-feira 17, pela manhã, e retomou o seu trabalho de escritório. Depois do almoço, acompanhado pelo padre Adriano Bregolin e pelo padre Francesco Maraccani, foi ao Hospital Santo André para visitar o padre Domenech.

A partir da sexta-feira 18, à noite, até segunda-feira 21, o Reitor-Mor visitou a Inspetoria da Croácia. Em Zepce, na Bosnia-Erzegovina, encontrou-se com os irmãos, recebeu a promessa dos primeiros 18 Cooperadores, cumprimentou os jovens e abençoou a Obra. Em Zagreb, no domingo 20, visitou o aspirantado e pré-noviciado, manteve um encontro com os jovens de todas as obras dos SDB e das FMA, presidiu a Eucaristia na qual outros deztoite cooperadores fizeram a sua promessa; concedeu, ainda, uma entrevista para o semanário católico *A voz do Concílio* e visitou a comunidade das Filhas de Maria Auxiliadora. No dia seguinte, ainda em Zagreb, encontrou-se com um grande número de irmãos da inspetoria e presidiu a Eucaristia. Depois do almoço retornou à Itália.

Trabalhou no escritório durante a terça-feira 22. A partir da quarta-feira 23 e até a sexta-feira 25 participou da Assembléia da União dos Superiores Gerais, convocada para o Salesianum.

Durantes os dias seguintes, até 29 de novembro, o padre Chávez realizou o seu trabalho de escritório; foi à enfermaria da UPS para cumprimentar o padre Domenech e recebeu algumas pessoas, entre as quais o inspetor da China e o cardeal Oscar Andrés Rodríguez Maradiaga.

No dia 6 de dezembro deu início à *sessão plenária de inverno* do Conselho Geral.

4.2 CRÔNICA DOS CONSELHEIROS GERAIS

O VIGÁRIO DO REITOR-MOR

Concluída a sessão de verão do Conselho Geral, o vigário do Reitor-Mor permaneceu na sede até o dia 4 de agosto. Foi, em seguida, a Mornese, onde presidiu a Eucaristia para as profissões temporárias e, no dia 5 de agosto, as profissões perpétuas, das Filhas de Maria Auxiliadora, que se encontram no Auxilium para seus cursos de estudos. Continuou, depois, para Missaglia, onde presidiu a celebração com a primeira profissão das noviças.

De 7 a 15 de agosto permaneceu na sede de Roma. Do dia 16 até o dia 18 esteve em Verona para acompanhar a situação de saúde do padre Antonio Domenech, internado no hospital dessa cidade. Seguiu-se, depois, um período de repouso na montanha até o dia 31.

Retornando à sede nos primeiros dias de setembro, ficou em Roma até o dia 8, quando partiu para Moscou, na Rússia. No mesmo dia teve um encontro com os irmãos salesianos que trabalham em Moscou. No dia 9

encontrou-se com os irmãos do Centro Inspetorial. No dia 10 de setembro visitou a Casa Salesiana de Moscou – Fili, onde são acolhidos meninos de rua para sua re-inserção no caminho educativo e escolar. À tarde, encontrou-se com um grupo de Voluntárias de Dom Bosco provenientes da Lituânia, Ucrânia e Geórgia. À noite, aconteceu também um encontro da Comunidade das Filhas de Maria Auxiliadora de Moscou. No dia 11 de setembro presidiu a solene Eucaristia na Catedral Católica de Moscou. Estava presente um numeroso grupo de cooperadores salesianos, com os quais o vigário teve, depois, um encontro de reconhecimento e de partilha.

No dia 12 foi a Lviv (Leópolis) na Ucrânia. Ali, à noite, encontrou-se com um grupo de aspirantes e, também, com os pré-noviços da Delegação da Ucrânia. Houve, ainda, na terça-feira 13 um encontro com todos os irmãos da Delegação da Ucrânia; participou do Conselho da Delegação e participou da Eucaristia em rito Bizantino, recebendo a promessa de uma dezena de cooperadores e cooperadoras, os primeiros da Delegação Ucrâniana.

Participou, nos dias 14 e 15, do Encontro dos Diretores e Párcos de toda a Circunscrição Leste, propondo

alguns temas de reflexão sobre a vida da Congregação e sobre a Família Salesiana. Também pôde, nessa ocasião, visitar a Escola Profissional na Obra São João Bosco e encontrar-se com Dom Sapelak, ex-Eparca para os Ucrânianos da Argentina e agora residente na região oriental da Ucrânia. Após essa visita, o vigário retornou a Roma no dia 16 de setembro.

Quarta-feira, 21 de setembro, partiu para Los Angeles, nos Estados Unidos. Ali visitou, no dia 22, a Escola Salesiana de Bellflower, a Paróquia Salesiana St. Dominic Sávio, encontrando-se também com a Comunidade local das Filhas de Maria Auxiliadora, e a Salesian High School Community. À tarde do mesmo dia teve um encontro com o Conselho Inspetorial SUO (Inspetoria de São Francisco) junto à Comunidade St. Joseph's em Rosemead.

Na sexta-feira 23 de setembro, participou dos festejos do Jubileu de ouro do Don Bosco Technical Institute, de Los Angeles. À tarde viajou para Watsonville. À noite foi hóspede das FMA em Corralitos.

Na manhã seguinte, o vigário visitou a Escola Salesiana de Watsonville, encontrando-se também com o bispo local e, à tarde, participou da celebração do 150º aniversário da paróquia salesiana.

Em 25 de setembro foi para San Francisco, onde visitou a Comunidade de Saints Peter & Paul. Foi, depois, a Richmond, visitando a comunidade e a escola daquela obra; chegou sucessivamente a Berkeley, onde encontrou os irmãos da comunidade da região de San Francisco e da baía.

No dia 26 de setembro foi a New Rochelle para uma breve visita à Inspeção SUE. À noite, em Port Chester, encontrou-se com a comunidade hispânica da paróquia salesiana local.

Visitou, no dia seguinte, a Salesian High School de New Rochelle e celebrou a Eucaristia para os jovens da Escola. À tarde, participou do Conselho Inspeccional e, depois disso, foi a Orange, onde teve um encontro com os jovens irmãos em formação das duas inspeções dos Estados Unidos e do Canadá.

Em 18 de setembro visitou a Paróquia Corpus Christi, de Port Chester. Também ali se encontrou com os jovens da escola elementar local. Prosseguiu, depois, para Ramsey Don Bosco Prep. Visitou a escola superior e encontrou-se com todos os jovens reunidos em Assembléia. À tarde, depois de uma breve visita à Casa Inspeccional das FMA, foi a Stony Point – Marian Shrine. Teve, ali, a possibilidade de uma assembléia

com todos os irmãos salesianos da região de Nova Iorque e de Nova Jersey.

O dia 29 foi dedicado a um encontro com o núncio junto às Nações Unidas e, depois, ainda em Nova Iorque, a uma visita à casa salesiana de Manhattan – Help of Christians. À noite partiu para Roma, onde chegou no dia 30.

Esteve nos dias 1º e 2 de outubro em Chioggia, para a festa local dos ex-alunos. Manteve ali um encontro formativo, também com a comunidade educativa do oratório salesiano.

Retornando a Roma no dia 5 de outubro, partiu para a Polónia, com uma primeira parada em Tarnowskie Góry. No dia seguinte, 6 de outubro, pela manhã, depois de ter visitado a escola e manter um encontro com todos os alunos, partiu para Cz’stochowa, onde visitou o Centro Salesiano de Educação e Animação. Depois do almoço foi ao noviciado de Kopiec. Ali se encontrou com os irmãos e os noviços e celebrou a Eucaristia com eles.

No dia 7 de outubro, na Casa do Peregrino do célebre Santuário de Cz’stochowa teve um encontro com todos os delegados dos cooperadores das comunidades salesianas das quatro inspeções SDB e das duas FMA. A jornada foi encerrada com uma solene celebração eucarística no San-

tuário de Jasna Gora. À noite foi à casa inspetorial de WrocBaw. Na manhã seguinte, visitou a casa salesiana de São Miguel em WrocBaw e participou da celebração do 25º aniversário da inspetoria, que foi concluída com a solene concelebração para um grupo numeroso de irmãos e de jovens.

À tarde, depois de um momento de participação na Festa dos Jovens, visitou a casa salesiana dos Jovens sem Família em KieBczów.

A visita continuou no dia 9 de outubro com a Eucaristia na Paróquia de Cristo Rei em WrocBaw e com uma passagem pelo Santuário Mariano de Twardogóra, animado pela comunidade salesiana local. À noite do mesmo dia retornou a Roma.

O vigário participou nos dias 10 a 18 da Sessão Intermédia do Conselho Geral, e no dia 21 de outubro foi a Bogotá (Colômbia) para a *Visita de Conjunto* da Região Interamérica, que se deu nos dias 23 a 28 do mesmo mês.

No dia 19, continuou para o Equador. Em Quito, visitou o Centro Salesiano Regional de Formação Permanente e prosseguiu, depois, para Guayaquil, onde, à tarde, encontrou-se com os salesianos daquela cidade e teve um encontro com a Família Salesiana local. Passou a noite na

Casa Dom Bosco, na periferia da cidade, onde é atuado um programa especial para os meninos de rua.

Em 30 de outubro, depois de retornar a Quito, teve um encontro com a Família Salesiana de Quito junto ao Instituto Técnico Kennedy e, à tarde, um encontro com os irmãos em formação e as noviças FMA na casa do noviciado de Cumbayá.

O dia 31 de outubro foi dedicado à visita ao Centro Audiovisuales Don Bosco, em Quito, e ao encontro com o grupo diretivo da Universidad Politecnica Salesiana e com os professores e uma representação dos universitários. Em seguida, foi ao Colégio Dom Bosco de La Tola, onde esteve com todos os alunos e professores. A visita foi concluída com um encontro, na casa inspetorial, de todos os diretores e muitos irmãos da região de Quito.

De Quito, o padre Adriano Bregolin foi a Caracas. Ali, no dia 1º de novembro, teve uma manhã de encontro com as Damas Salesianas. À tarde foi à comunidade do noviciado de Los Teques, onde se encontrou com todos os irmãos em formação da inspetoria. No dia 2, visitou o Instituto de Teologia para Religiosos (ITER), de Caracas. À tarde, teve um encontro com o cardeal Castillo e, depois, foi ao centro

inspetorial das Filhas de Maria Auxiliadora para participar da Consultoria da Família Salesiana e para a celebração eucarística com uma grande representação da mesma Família Salesiana. O vigário visitou, no dia 3 de novembro, o Instituto São Francisco de Sales, em Caracas Sarriá, e em seguida, a Comunidade dos estudantes de Teologia, também em Caracas. Retornou a Roma no mesmo dia.

Com a Direção Geral, o vigário participou nos dias 6 a 9 de novembro, da *Visita de Conjunto* das Inspetorias da Conferência CIMEC. No dia 24 foi a Turim para uma breve estada em Valdocco e, no dia 26, pregou o retiro espiritual aos irmãos do Instituto Internacional Dom Bosco da Crocetta. Retornou, depois, definitivamente, à Direção Geral em vista da Sessão Plenária do Conselho Geral.

CONSELHEIRO PARA A FORMAÇÃO

O conselheiro para a Formação participou da *Visita de Conjunto* da Região Europa Oeste, em Fátima, de 1º a 6 de agosto, e a da Conferência da Polônia e Circunscrição Leste no Colle Don Bosco, de 4 a 7 de setembro.

No dia 20 de agosto, em Como, presidiu a celebração eucarística para a posse do novo inspetor da Inspeto-

ria Lombardo-Emiliana. No dia 30 de agosto animou uma jornada da assembléia dos irmãos da Inspetoria de Sevilha sobre o tema do Congresso Internacional da Vida Consagrada: *“Paixão por Cristo, paixão pela humanidade”*. No dia 8 de setembro, em Milão, encontrou-se com os jovens em formação inicial da Inspetoria Lombardo-Emiliana; também ali presidiu a celebração eucarística das profissões perpétuas e dos jubileus de SDB e FMA; visitou, enfim, o pós-noviciado de Nave.

Esteve em Campo Grande, Brasil, nos dias 17 a 24 de setembro, onde se encontrou, antes de tudo, com a Comissão Nacional de Formação e, depois, com a Assembléia da CISBRASIL, da qual participaram o conselheiro regional padre Helvécio Baruffi, os inspetores e os delegados inspetoriais. O padre Cereda apresentou-lhes o *“Relatório sobre a formação inicial na Conferência CISBRASIL”*. Durante esta visita, encontrou-se também, novamente, com as comunidades formadoras da Inspetoria de Campo Grande. Dedicou ainda dois dias para visitar a comunidade formadora e Centro Interinspetorial de Estudos Pio XI, de São Paulo, com momentos de confronto e de diálogo, tendo em vista potenciar a cola-

boração entre as inspetorias.

O padre Cereda participou, nos dias 20 a 23 de outubro em Bogotá, Colômbia, da Comissão Regional de Formação da Região Interamérica e, de 23 a 28 de outubro, da *Visita de Conjunto* da mesma Região. Em 30 de outubro apresentou aos inspetores o “*Relatório sobre a formação inicial na Região Interamérica*”. Esteve, nos dias 31 de outubro e 1º de novembro em Cuba: visitou a comunidade do aspirantado e pré-noviciado de Santiago de Cuba e as duas comunidades salesianas de La Habana: encontrou-se, enfim, com a Comissão de Formação da delegação.

De 4 a 9 de novembro, o padre Cereda visitou o Instituto Salesiano de Teologia de *Jerusalém*. Participou ali de alguns encontros com os estudantes, a equipe dos formadores e a assembléia dos professores. Presidiu, depois, o Curatorium para a programação do novo ano. Participou, enfim, com o decano da Faculdade de Teologia e do secretário geral da UPS, da inauguração do ano acadêmico e da entrega da medalha aos professores eméritos padre Giovanni Laconi, docente de Direito Canônico, e padre Luciano Nordera, docente de História da Igreja.

O conselheiro esteve na Argentina, nos dias 17 a 22 de novembro.

Em Buenos Aires, participou do encontro da Comissão de Formação da Conferência Interinspetorial da CISUR. Visitou, em seguida, os estudantes de teologia de Devoto e os pré-novícios de San Justo; conheceu também a nova casa para os estudantes de teologia das cinco inspetorias da Argentina. Em Fortín Mercedes, enfim, encontrou-se com os inspetores da Argentina e, depois, com todos os inspetores da CISUR, aos quais apresentou o “*Relatório sobre a formação inicial na Conferência CISUR*”.

Participou nos dias 23 a 25 de novembro, no Salesianum de Roma, da Assembléia dos Superiores Gerais, que aprofundou o tema da *Fidelidade vocacional*, oferecendo uma relação sobre “A busca dos sinais e dos percursos de vitalidade de uma província religiosa”.

O padre Cereda participou, ainda, nos dias 27 de 28 de novembro, da Comissão de Formação e do Encontro dos Inspetores da Conferência da Polônia e Leste, ilustrando-a com o “*Relatório sobre a formação inicial na Conferência da Polônia e do Leste*”. De 29 de novembro a 4 de dezembro, visitou as comunidades formadoras e encontrou-se com as Comissões Inspetoriais de Formação das Inspetorias da Croácia, Eslovênia

e Hungria. Ao final, em Budapest, participou do encontro dos delegados inspetoriais de formação da CIMEC, com os quais se deram os primeiros passos para a criação da Comissão dos Delegados e se iniciou o processo de *“Auto-avaliação das comunidades formadoras da CIMEC”*.

CONSELHEIRO PARA A PASTORAL JUVENIL

Concluída a Sessão Plenária do Conselho Geral, após cuidadosos controles médicos, o padre Antonio Domenech, em 16 de agosto, foi submetido a uma intervenção cirúrgica. Depois de um breve período de recuperação, os médicos prescreveram-lhe a quimioterapia, a partir de meados de setembro até fins de fevereiro de 2006.

Nesse período, o conselheiro deve suprimir todos os trabalhos e viagens programadas, mas de todo modo, com a estreita colaboração da equipe do Dicastério, acompanha o desenvolvimento ordinário do programa previsto para estes meses.

Durante o mês de outubro, com a sua equipe, prepara o II Encontro da Consultoria Mundial da Pastoral Juvenil (encontro dos responsáveis dos Centros Nacionais de Pastoral Juvenil e dos coordenadores das equipes interinspetoriais e delegados

inspetoriais de pastoral), que se realiza nos dias 6 a 12 de novembro na Pisana. Nesse encontro, estudam-se dois temas hoje fundamentais para a pastoral juvenil da Congregação: a evangelização num ambiente de secularização e de pluralismo religioso e a pastoral vocacional. A reflexão iniciada nesse encontro continua através do contato e do intercâmbio sistemático entre os membros da Consultoria pelos modernos meios eletrônicos. O conselheiro participa brevemente do encontro.

Ao mesmo tempo, a equipe do Dicastério prepara, com a Pastoral Juvenil das FMA e dos jovens, a Primeira Assembléia do Movimento Juvenil Salesiano, que se celebra de 25 a 27 de novembro em Roma. Nesses mesmos dias, um membro da equipe participa do encontro sobre a pastoral vocacional e sobre os aspirantados da Região Ásia Sul, realizado em Calcutá.

Concluindo estas notas de crônica, o padre Domenech deseja exprimir o seu sentimento de gratidão: “Mesmo não correspondendo ao estilo de uma crônica, quero aproveitar a ocasião para agradecer de coração pelo interesse, a fraternidade e as orações com as quais me acompanhastes nestes meses; posso garantir-vos que me senti membro de uma grande fa-

mília. Também procurei viver estes momentos de sofrimento e de enfermidade como a minha contribuição específica para a pastoral juvenil, recordando-vos a todos e, sobretudo, recordando os jovens”.

CONSELHEIRO PARA A COMUNICAÇÃO SOCIAL

Neste período, o conselheiro para a Comunicação Social participou das *Visitas de Conjunto* das Regiões Europa Oeste (Fátima, 2 a 6 de agosto) e Europa Norte – CIMEC (Salesianum, 6 a 9 de novembro). Participou nos dias 4 a 10 de novembro do Encontro Mundial dos diretores dos Boletins Salesianos, realizado na casa do Sacro Cuore, em Roma. No período restante de agosto e setembro, dedicou-se ao estudo do inglês, em Stockport, Inglaterra. Participou, nos dias 23 e 24 de outubro, em La Spezia, na Inspeção Ligure-Toscana, do encontro dos jovens salesianos, para a partilha e o estudo da carta do Reitor-Mor sobre a Comunicação Social.

O Dicastério tomou parte no Encontro da Associação Católica Mundial para a Comunicação (SIGNIS), realizado em Lion, França, de 4 a 11 de novembro, e assumiu, na pessoa do padre Peter Gonzalves, a presidência do assim

chamado Grupo Internacional do SIGNIS. Durante o encontro, a Congregação recebeu um prêmio conferido pelo SIGNIS e pela UCIP (União Católica Internacional da Imprensa) “pelas diversas iniciativas postas em ato no mundo para a promoção da *Media Education* nas escolas, nas instituições, entre os jovens e o povo”.

Durante todo o tempo coberto por esta crônica (agosto-novembro), o Dicastério reviu a programação do final do sexênio, levando em conta a revisão feita. Deu início a um novo sistema de trabalho na equipe de ANS, para a produção da informação e também para a articulação dos correspondentes. Introduziu novos recursos no *website*, tornando-o mais navegável e seguro. Concluiu o esboço do subsídio para a formação dos salesianos em comunicação social, juntamente com o Dicastério para a Formação, refez o manual para a Comunicação Social (*Livro do Delegado*), fez um CD com todas as relações do Encontro dos Diretores dos Boletins Salesianos, preparou um texto para o ensino de inglês a grandes grupos de jovens salesianos que o devem aprender como “outra língua”. Apoiou, também outros Dicastérios com serviços de tradução, ensino de inglês, revisão de textos. Realizou, enfim, estudos e experiências sobre

as possibilidades que o *Open Source* pode oferecer como alternativa técnica de programas para computador, que responde ao mesmo tempo a critérios de qualidade, de pobreza e de ética.

CONSELHEIRO PARA AS MISSÕES

De 30 de julho a 4 de agosto de 2005, o conselheiro para as Missões, padre Francis Alencherry, visitou todas as presenças salesianas do Sri Lanka, com o objetivo de animar a nova visitadoria e constatar o progresso feito na assistência dada às vítimas do tsunami. O padre Francis conclui a visita encontrando-se com todos os irmãos da visitadoria e tendo uma reunião com o superior e o seu Conselho. Constatou, com satisfação, o belo trabalho que os irmãos fizeram pelas vítimas do tsunami.

O padre Francis esteve no Kerala, nos dias 5 e 6 de agosto, para participar da ordenação de um parente. De ali, passou à Inspeção de Tiruchy (INT), no Tamil Nadu, e, no período de 7 a 19 de agosto, visitou as 23 presenças salesianas da inspeção, iniciando com a paróquia de Vallavilai no externo sul. Deu uma atenção especial às regiões atingidas pelo tsunami e concluiu que os irmãos fizeram muito pelas crianças e pelos jovens através de vários projetos de

assistência e formação. Em cada comunidade, encontrou-se com os irmãos reunidos para refletirem sobre alguns temas de missionariedade. O conselheiro ficou particularmente tocado pelo grande trabalho da inspeção em vista do desenvolvimento integral dos marginalizados. Concluindo a visita, manteve um encontro com os diretores e encarregados das comunidades, para juntos refletirem sobre o trabalho missionário dos salesianos, e um outro encontro com o inspetor e o seu Conselho para compartilhar algumas impressões e recomendações. Aproveitou a ocasião também para uma peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora de Vellankanni, que também foi atingido pelo desastroso tsunami.

De 19 à noite a 28 de agosto, o conselheiro esteve na Inspeção de Chennai (INM), para visitar algumas presenças e missões rurais, onde se desenvolve a ação pastoral em favor dos mais pobres e pelos *dalit*. Em 23 de agosto encontrou-se com um grupo de irmãos, em Tirupattur, para compartilhar notícias missionárias da Congregação. Igualmente, em 16 de agosto, teve outro encontro com os irmãos que trabalham na cidade de Chennai e arredores. O dia 27 de agosto foi dedicado a uma rápida visita à única presença salesiana nas

Andamans, que faz parte da Inspetoria de Chennai. Ao final da visita, em 28 de agosto, o conselheiro encontrou-se com o inspetor e o seu Conselho, para refletir sobre alguns temas de importância para a inspetoria.

Retornando a Roma no dia 29 de agosto, foi logo a Veneza-Mestre, onde, no dia seguinte, animou a assembléia da Inspetoria INE sobre a dimensão missionária por ocasião da iminente abertura da nova missão da Inspetoria na Moldava. Retornou a Roma no dia 30 à noite.

O padre Francis esteve no Colle Don Bosco, Becchi, de 4 a 7 de setembro, para participar da *Visita de Conjunto* das inspetorias da Polônia e da Circunscrição do Leste.

Retornando a Roma, o conselheiro permaneceu na sede para organizar o curso de preparação dos novos missionários que partiam. Em 10 de setembro foi à UPS para presidir a celebração da profissão perpétua de três irmãos da Visitadoria da Indonésia-Timor, que estão estudando teologia na Itália.

O curso de preparação dos missionários que partiam teve início na UPS, Roma, em 11 de setembro, e o padre Francis permaneceu na UPS durante uma boa parte do curso, até 20 de setembro. Esteve no Colle Don Bosco, de 21 a 25 de setembro, com

o grupo dos missionários que partiam, para acompanhá-los na peregrinação aos lugares salesianos. A cerimônia da entrega do crucifixo missionário foi celebrada no domingo 25 de setembro no Templo de Dom Bosco do Colle. O Reitor-Mor entregou o crucifixo a 21 SDB, 5 FMA e 23 voluntários leigos.

À noite do dia 25, o padre Francis retornou a Roma, para partir na manhã seguinte para o Haiti. Aproveitando a passagem do vôo por Nova Iorque, pôde encontrar-se, no dia 26 à tarde, com o inspetor de SUE, em New Rochelle, e visitar o seu irmão que mora em Nova Iorque.

De 27 de setembro a 4 de outubro, o conselheiro fez uma visita de animação à Visitadoria do Haiti. Visitou todas as presenças salesianas, concluindo com um encontro com os irmãos dessa visitadoria, ao qual estava presente uma boa parte dos irmãos, e com uma reunião com o superior da Visitadoria e o seu Conselho.

De Haiti, o padre Francis foi a Bonn, na Alemanha, onde de 5 a 7 de outubro animou o encontro semestral dos procuradores e representantes das ONG salesianas.

Em 8 de outubro retornou a Roma onde, de 9 a 19 de outubro, participou da *Sessão Intermédia do*

Conselho Geral.

Em 20 de outubro, o conselheiro partiu para Medellín, Colômbia. Visitou no dia seguinte a missão afro-americana de Condoto, na Inspeção COM. Em seguida, nos dias 22 e 23 de outubro, participou de algumas manifestações e encontros organizados por ocasião da visita do Reitor-Mor àquela Inspeção. Depois, com o Reitor-Mor, foi a Bogotá.

O conselheiro participou, de 24 a 28 de outubro, da *Visita de Conjunto* da Região Interamérica, que se realizou no Centro da Conferência Episcopal Colombiana em Bogotá.

Depois disso, em 19 de outubro, o padre Francis foi a Caracas, Venezuela, e de 30 de outubro a 6 de novembro visitou as presenças missionárias do Vicariato de Puerto Ayacucho, onde os salesianos trabalham na evangelização dos Yanomami e de outras etnias indígenas. No dia 8 de novembro, em Caracas, participou de um encontro dos Conselhos Inspeccionais dos SDB e das FMA da Venezuela, juntamente com dom José Angel Divasson, vigário apostólico de Puerto Ayacucho, o seu vigário, padre Bortoli, e a irmã Ciri Hernández, conselheira das FMA para as Missões ad Gentes, a fim de tratar das perspectivas do papel pastoral das duas Congregações no

vicariato no futuro. O padre Francis aproveitou a presença em Caracas de 7 a 9 de novembro para visitar algumas presenças salesianas e especialmente as casas de formação para a animação missionária.

Chegou a Roma somente no dia 11 de novembro, pois a viagem de retorno atrasou devido a um defeito no avião. À noite do dia 11 foi ao Gerini para um encontro com os missionários que estão participando do curso de formação permanente na UPS.

O padre Francis esteve em Sampierdarena, Gênova, nos dias 12 e 13 de novembro, para participar da comemoração do 130º aniversário da partida do primeiro grupo de missionários salesianos do porto de Gênova. Presidiu a Missa solene do dia 13 de novembro na igreja paroquial.

Permaneceu em Roma de 14 a 16 de novembro. Em seguida, de 16 a 29 de novembro o conselheiro visitou a parte etíope da Visitadoria da Etiópia-Eritreia (AET). Visitou todas as presenças salesianas, dando uma atenção particular à nova Prefeitura Apostólica de Gambella, confiada pela Santa Sé aos cuidados dos salesianos. É uma região de primeira evangelização nos limites com o Sudão. O padre Francis pôde observar o grande progresso feito pela pre-

feitura nos cinco anos de sua existência, sob a guia do prefeito apostólico dom Angelo Moreschi, SDB. Em todas as comunidades, o padre Francis teve a ocasião de falar aos irmãos e animá-los na dimensão missionária.

Em 30 de novembro de 2005 retornou a Roma para a Sessão de Inverno do Conselho Geral.

ECÔNOMO GERAL

Antes da conclusão da Sessão Plenária de Verão do Conselho Geral, o padre Gianni Mazzali fez uma breve visita de três dias à Palestina, para contatos com a Inspeção do Oriente Médio e com as autoridades eclesásticas, em vista do projeto de Beitgemal. De 2 a 6 de agosto participou da *Visita de Conjunto* da Região Europa Oeste, realizada em Fátima. De 8 a 21 visitou algumas obras da Visitadoria do Canadá e pregou os exercícios espirituais a cerca de trinta irmãos da mesma visitadoria.

Retornando à Itália, foi a Muzzano Biellese para a pregação dos exercícios espirituais aos noviços de Pinerolo-Monteoliveto e a um grupo de irmãos da Circunscrição Especial do Piemonte e Valle d'Aosta.

Em seguida, de 27 de agosto a 2 de setembro, animou o acampamento dos meninos e jovens do Oratório Dom Bosco da Paróquia Santos Már-

tores de Sangano (Turim).

O ecônomo geral participou no dia 9 de setembro, do Conselho de Administração da SEI; em seguida, de 10 a 18 passou alguns dias em família.

Retornando a Roma, retomou as atividades de administração ordinária, participando de vários encontros do Economato Geral, da Fundação Gerini e da Sociedade Polaris.

De 10 a 19 de outubro, participou da *Sessão Intermédia do Conselho Geral* e, de 23 a 29 de outubro, do encontro da Conferência das Inspeções da África (CIVAM) em Lubumbashi, Congo.

Em Sanlúcar la Mayor, Sevilha, nos dias 30 de outubro a 5 de novembro, pregou os exercícios espirituais aos diretores das Inspeções de Córdoba e Sevilha. Ao retornar a Roma, o padre Mazzali participou, nos dias 6 a 9 de novembro, dos trabalhos da *Visita de Conjunto* das inspeções da Conferência CIMEC.

Em 11 de novembro, junto à sede central do Banco Popular de Milão, o padre Mazzali participou da reunião do Comitê Ético e do Conselho de Administração do Fundo Imobiliário Investitiético. No dia 14 de novembro, em Turim, na sede da SEI, iniciou, no âmbito do Comitê, a avaliação do andamento do faturado da mesma

editora para o ano de 2005.

De 2 a 4 de dezembro, o ecônomo geral foi novamente à Terra Santa para participar de alguns encontros relacionados com a questão da propriedade salesiana de Beitgemal.

CONSELHEIRO PARA A REGIÃO ÁFRICA-MADAGASCAR

O conselheiro regional para a África-Madagascar, padre Valentín de Pablo, realizou as seguintes atividades durante o período agosto-novembro de 2005:

De 18 a 26 de agosto, o conselheiro regional fez uma visita à *Prefeitura Apostólica de Gambella*, na Etiópia, confiada aos salesianos. Em sua visita, teve o privilégio da companhia do prefeito apostólico, o salesiano dom Ângelo Moreschi, e do inspetor da AET, padre Alfredo Roca. O conselheiro pôde verificar o grande trabalho realizado nestes últimos cinco anos de vida da prefeitura, que está localizada numa região nos limites com o Sudão, com uma realidade complexa em sua variedade étnica e religiosa. O prefeito apostólico privilegiou em seu trabalho a promoção das vocações locais e a formação dos catequistas, criando uma rede de lugares e culto e de promoção. Da sua parte, os salesianos fundaram uma presença em Gambella com a Escola

Técnica Dom Bosco, que se tornou para o povo e as autoridades locais uma expressão visível do interesse da Igreja Católica pela promoção humana e religiosa da região.

De 27 de agosto a 2 de setembro, o conselheiro regional *acompanhou o Reitor-Mor* em sua visita aos quatro países da Inspeção da África Leste (AFE): *Quênia, Tanzânia, Uganda e Sudão*. Ocorria os 25 anos da chegada dos salesianos a esses países. Do grupo inicial de uns vinte salesianos, vindos da Índia, Itália e Polônia, chegaram a 170 irmãos, dos quais 85 locais, em 30 comunidades religiosas. Em sua visita, o Reitor-Mor deu posse ao novo inspetor, padre Joseph Pulikkal, visitou os irmãos nos diversos países, sobretudo no difícil Sudão, e em Dodoma, na Tanzânia, encontrou-se com cerca de 700 jovens do Movimento Juvenil Salesiano.

Visita Extraordinária à Visitadoria Beato Miguel Rua, da África Meridional (AFM), com sede em Johnnesburgo (África do Sul). Em nome do Reitor-Mor, o conselheiro regional fez a *Visita Extraordinária* da AFM, iniciando oficialmente no dia 6 de setembro e concluindo no dia 15 de novembro. Essa visitadoria estende-se por três países: África do Sul, Suazilândia e Lesoto. Nela vi-

vem 58 irmãos e 8 noviços (7 pertencentes a ZMB e 1 a AFM). Dezoito desses irmãos são vocações locais, dos quais 9 já professores perpétuos. A presença salesiana no sul da África é mais do que centenária: a primeira presença é de 1896 na Cidade do Cabo (África do Sul); a presença em Suazilândia data de 1952 e a de Lesoto, de 1980. Foram as inspetorias da Inglaterra e da Irlanda que iniciaram e apoiaram o desenvolvimento das presenças. Em 1988, AFM tornou-se uma vice-província independente. Durante estes anos, a presença salesiana cresceu com a sociedade local, que sofreu o impacto das mudanças sociais e políticas nos três países. Aos anos de contexto colonial seguiram-se cinco anos de *apartheid*, que condicionaram o desenvolvimento das presenças salesianas. No ano passado, completaram-se dez anos de democracia na África do Sul, mas o povo ainda está lutando contra a pobreza, as diferenças de raça e de classe social que vêm de gerações. A Visita Extraordinária durou um mês e meio, entre setembro e novembro. Seguindo o calendário pré-estabelecido, o conselheiro regional pôde estar com cada um dos irmãos e visitar todas as comunidades. Durante a visita aconteceu a celebração festiva dos 25 anos

da presença salesiana em Lesoto.

De 26 a 30 de setembro, o conselheiro regional foi a Bangui, na República Centro-africana, para participar da *consagração episcopal* de dom Albert Vanbuel, SDB, como bispo de Kaga-Bandoro, no norte do país. Trata-se de uma diocese missionária, para consolidar ulteriormente um país que sofreu muito pelas convulsões políticas. Em sua viagem a Bangui, o conselheiro regional deteve-se em Yaoundé para visitar a comunidade dos teólogos e verificar o bom andamento da construção da nova residência formativa.

De 10 a 19 de outubro participou da reunião do *Conselho Geral Intermédio*, em Roma. Nessa sessão, o Conselho Geral examinou a situação atual e as perspectivas de futuro da *Região África-Madagascar*. O estudo do relatório apresentado pelo conselheiro regional permitiu tomar consciência dos passos dados neste sexênio, dos desafios que surgem e propor algumas orientações operativas que ajudem a consolidação e o desenvolvimento do carisma salesiano na Região. Foram dadas algumas orientações para a reorganização jurídica de algumas realidades, particularmente as de Ruanda-Burundi, Moçambique e Sudão.

De 24 a 30 de outubro, o conse-

lheiro regional esteve em *Lubumbashi*, na República Democrática do Congo, para presidir a reunião anual da *Conferência dos Inspetores da África e Madagascar* (CIVAM). O tema central de reflexão deste ano foi a “Pobreza religiosa”, orientado pelo ecônomo geral, padre Gianni Mazzali. Outros temas de estudo foram a revisão do Regulamento da CIVAM e a preparação da próxima *Visita de Conjunto* da Região. As dificuldades de vôo na ida e no retorno de Lubumbashi permitiram ao conselheiro regional deter-se em *Lusaka*, em Zâmbia, e *Harare*, no Zimbábue, encontrando-se com os irmãos.

Visita de animação em Moçambique. De 17 a 22 de novembro, o conselheiro regional esteve em Moçambique, para encontrar-se com o Conselho da Delegação e analisar em comum os passos a dar para constituir-se em visitadoria no mês de julho próximo. O regional visitou as seis comunidades do sul do país, animando o retiro mensal dos irmãos. Nesses dias, pôde encontrar-se também com o núncio apostólico e com o arcebispo da Capital.

Visita de animação em Ruanda. De Moçambique, o conselheiro regional foi a Ruanda, detendo-se ali de 23 a 27 de novembro. Encontrou-se com o Conselho da Delegação analisando em comum o caminho para a

constituição de uma visitadoria no mês de julho próximo. O Regional fez uma visita à comunidade do noviciado de *Butare*, onde pôde constatar a funcionalidade da nova construção, e à comunidade do pós-noviciado de *Kabgayi*. Nas duas casas de formação, o regional animou o retiro mensal dos irmãos, também das comunidades próximas. A caminho para Madagascar, deteve-se algumas horas em *Nairobi* (Quênia) para apresentar as condolências à Inspeção AFE pela morte de um irmão, no dia anterior.

Visita de animação em Madagascar. De 28 a 30 de novembro, o conselheiro regional foi a Madagascar para uma reunião com todos os diretores e o Conselho da visitadoria. Pôde fazer também uma visita à comunidade do noviciado e à Escola Profissional de Notre Dame de Clairveaux.

Em 1º de dezembro, o conselheiro regional retornou a Roma para o início da Sessão de Inverno do Conselho Geral.

CONSELHEIRO PARA A REGIÃO AMÉRICA LATINA-CONE SUL

Concluída a Sessão de Inverno do Conselho Geral, o conselheiro regional partiu para o Brasil, a fim de iniciar a *Visita Extraordinária* à Inspeção Nossa Senhora Auxiliadora, de São Paulo.

A abertura foi no dia 10 de agosto, com o Conselho Inspetorial e com todos os diretores. Durante a Visita, o regional reuniu-se com os diversos grupos da Família Salesiana e com os grupos de pastoral, e teve a oportunidade de dialogar calmamente com todos os irmãos. Além disso, em 19 de agosto, participou da peregrinação da Família Salesiana à Basílica de Nossa Senhora Aparecida, presidindo ali a Eucaristia.

Durante a visita, foi feita a consulta para a nomeação do novo inspetor. Foram realizados três encontros de discernimento nas três regiões da inspetoria. A maioria absoluta dos salesianos participou desses encontros.

A visita terminou com uma nova reunião com o Conselho Inspetorial e com todos os diretores.

Sucessivamente, de 1º a 11 de novembro, o regional esteve na Inspetoria de Recife para uma visita de animação. Participou de uma reunião do Conselho Inspetorial e com a Comissão Inspetorial de Formação; visitou também as casas de formação e algumas outras casas da inspetoria. Participou, ainda, do Festival da Juventude, que celebrava os dez anos do Movimento Juvenil; estavam presentes mais de oitocentos jovens.

O padre Helvécio Baruffi parti-

cipou, de 12 a 14 de novembro, do VI Congresso Nacional dos Ex-alunos de Dom Bosco, celebrado no Instituto Teológico Pio XI da Lapa, São Paulo, com o título: "O desafio de ser e agir como ex-alunos de Dom Bosco no Brasil de hoje", e com o lema: "Protagonismo, solidariedade e missão". Participaram do Congresso os responsáveis dos ex-alunos de todas as partes do Brasil, necessariamente em número reduzido.

Em seguida, de 14 a 16 de novembro, o regional fez uma visita à Inspetoria de Assunção, Paraguai. Pôde visitar as casas de formação e encontrar-se com os formandos. Teve, também, a possibilidade de visitar algumas das obras da capital.

O Regional participou, nos dias 21 e 22 de novembro, de uma reunião da *CISUR*, que aconteceu na casa de Fortín Mercedes, Inspetoria de Bahía Blanca. Toda a manhã do primeiro dia foi dedicada à reflexão sobre a formação, com a presença também do padre Francesco Cereda. No encontro dos Inspectores da Argentina (JIAR), o tema principal foi o da unificação da etapa da Teologia em San Justo, Inspetoria de Buenos Aires: os estudos teológicos serão feitos no ISET. Este projeto terá início já a partir do próximo ano. Foram estudados também os critérios de

organização e a composição da equipe de formadores, com salesianos de todas as inspetorias. A unificação da etapa do pós-noviciado, que também está sendo programada, deverá ser estudada com mais tranqüilidade.

Em 25 de novembro, o regional participou, em Brasília, da bênção e inauguração da nova sede da *CISBRASIL*, que foi ampliada para poder atender melhor às atividades da *União pela Vida* e à Rede Salesiana de Escolas.

No dia 28 de novembro, o regional retornou a Roma para a Sessão Plenária de Inverno do Conselho Geral.

CONSELHEIRO GERAL PARA A REGIÃO INTERAMÉRICA

Concluída a Sessão de Verão do Conselho Geral, no dia 31 de julho, o conselheiro para a Região Interamérica viajou para o Canadá, a fim de participar de um curso de francês de duas semanas, visitar algumas comunidades e animar uma jornada de reflexão com todos os irmãos da visitadoria sobre o futuro da presença salesiana no país.

Em 17 de agosto, o padre Esteban Ortiz foi a Nova Iorque em visita à sua família. No dia 26 de agosto teve uma reunião com o Conselho da Inspetoria dos Estados Uni-

dos Leste (SUE). No dia 28 chegava à República Dominicana para dar início à *Visita Extraordinária*, em nome do Reitor-Mor, à Inspetoria São João Bosco, das Antilhas (ANT), que compreende 27 comunidades e 169 irmãos, distribuídos nos três países da República Dominicana (16 comunidades), Cuba (5 comunidades) e Porto Rico (6 comunidades). No dia 29 encontrou-se com o inspetor, padre José Pastor Ramírez, e o seu Conselho, iniciando logo no dia seguinte as visitas às comunidades.

Em 6 de outubro, viajou para Porto Rico, a fim de visitar as comunidades daquela delegação, que conta com 28 irmãos; ao final da caminhada pelas casas salesianas da ilha, apresentou a todos os irmãos um relatório sobre a situação da delegação e teve também uma reunião com o delegado do inspetor e o seu Conselho.

No dia 22 de outubro, o conselheiro regional chegou a Bogotá, Colômbia, para participar da *Visita de Conjunto* da Região Interamérica, que se realizou nos dias 24 a 28. Depois disso, nos dias 29 e 30, coordenou a reunião dos inspetores.

De 31 de outubro a 4 de novembro, o padre Esteban Ortiz esteve na Inspetoria do Equador (ECU) para fazer uma visita de animação; teve

uma reunião com o Conselho Inspetorial, uma reunião com a equipe do Centro Regional de Formação Permanente e participou do encontro dos salesianos em formação inicial.

Retornou à Inspetoria das Antilhas no dia 4 de novembro e iniciou a visita às comunidades da Delegação de Cuba, que conta com vinte irmãos. No dia 16, concluiu a visita à ilha com a apresentação, a todos os irmãos que se reuniram em Havana, de um relatório sobre a situação da delegação, reunindo-se depois com o delegado do inspetor e o seu Conselho.

O conselheiro regional retornou à República Dominicana no dia 17 de novembro para concluir a visita às comunidades e encontrar-se, em várias reuniões, com as Comissões Inspetoriais. No dia 26 de novembro, juntamente com a irmã Teresa Curmi, visitadora das Filhas de Maria Auxiliadora, participou de um encontro com os representantes dos grupos da Família Salesiana.

Em 30 de novembro, o padre Esteban Ortiz apresentava o relatório final da Visita Extraordinária numa assembléia de irmãos, na qual estavam presentes os diretores de todas as comunidades da inspetoria e alguns salesianos da República Dominicana. À tarde, houve uma reunião de conclusão com o inspetor e o

seu Conselho.

No dia 1º de dezembro, o regional partiu para o México, detendo-se um dia na Cidade do México para cumprimentar os irmãos da casa inspetorial e visitar o noviciado de Coacalco. No dia seguinte, foi a Guadalajara, onde fez uma saudação à Comissão do Setor Escolar, participou do patronato do Instituto Teológico e da comunidade formadora de Tlaquepaque, e teve um encontro com o inspetor e o seu Conselho, para fazer a revisão sobre a aplicação das recomendações do Reitor-Mor na conclusão da Visita Extraordinária realizada no ano de 2004.

Finalmente, no domingo 4 de dezembro, o Regional partiu para Roma, a fim de participar da Sessão Plenária de Inverno do Conselho Geral.

CONSELHEIRO PARA A REGIÃO ÁSIA LESTE-OCEANIA

Terminada a Sessão de Verão do Conselho Geral, o padre Klement partiu para a Inspetoria Indonésia-Timor Leste (ITM), Filipinas Sul (FIS), Filipinas Norte (FIN) e para a Delegação de Papua Nova Guiné-Ilhas Salomão (PNG-SI), dependente de FIN, para uma visita de animação, encontrando-se com os Conselhos Inspetoriais, os diretores reunidos, os vários grupos de

coadjutores salesianos em vista do Seminário Regional programado para 2006; visitou também quase todas as comunidades.

Na Visitadoria ITM (1 a 8 de agosto), o conselheiro regional presidiu a celebração para a primeira profissão dos sete irmãos indonésios, preparando também a Visita Extraordinária de 2006. Viu algumas novas estruturas formativas que estão sendo desenvolvidas: o pré-noviciado para coadjutores em Baucau (Timor Leste) e Jacarta–Wisma, como também o novo pré-noviciado em Los Palos (Timor Leste).

Na Inspetoria FIS (Cebu) (9 a 18 de agosto), o padre Klement pôde conhecer profundamente o desenvolvimento da Família Salesiana, com o Centro de Formação Salesiana para os leigos Don Bosco Clay, em Cebu, como também o progresso do projeto de centros de formação profissional nos ambientes rurais.

Na Inspetoria FIN (Manila), o padre Klement visitou, juntamente com o novo inspetor padre Andrew Wong, todas as comunidades da ilha de Luzon (18 a 31 de agosto), com um acento especial na promoção do salesiano coadjutor, como também para o início da formação específica do salesiano coadjutor em Manila-Parañaque.

Foi, em seguida, à renovada De-

legação de Papua Nova Guiné-Ilhas Salomão (PNG-PI), com novos Estatutos, visitando uma prometedora obra em Honiara-Tetere nas Ilhas Salomão (2 a 8 de setembro); nesse período acompanhou, ainda, o Reitor-Mor durante as celebrações do 25º aniversário da missão salesiana em Papua Nova Guiné (9 a 14 de setembro).

A *Visita Extraordinária* à Inspetoria do Vietnã foi feita em dois tempos: o primeiro, de 15 de setembro a 9 de outubro, e o segundo, de 11 de novembro a 5 de dezembro. O conselheiro regional pôde conhecer e entender mais profundamente o seu extraordinário desenvolvimento vocacional e também o zelo missionário dos jovens irmãos.

No período entre os dois tempos da visita ao Vietnã, o regional retornou a Roma para as reuniões do Conselho Intermédio (10 a 19 de outubro), fazendo depois algumas breves visitas de animação missionária: na Bulgária (10 a 24 de outubro) e na Polônia (25 a 31 de outubro) e, finalmente, no Paquistão (1º a 8 de novembro).

O padre Klement retornou à sede no dia 5 de dezembro.

CONSELHEIRO PARA A REGIÃO ÁSIA SUL

Com a consulta pra o novo inspetor da Inspetoria de Guwahati, no

início de agosto, o conselheiro regional da Ásia Sul, padre Joaquin D'Souza, deu início aos trabalhos do período agosto-dezembro de 2005. A consulta foi feita em três diversos centros (Guwahati, Shillong, Tura), para onde foram convocados os irmãos, segundo um programa previamente concordado.

Terminada a consulta, o padre D'Souza foi para Bangalore em 10 de agosto, a fim de iniciar, no dia seguinte, a *Visita Extraordinária* à Inspeção de Bangalore (INK). A visita capilar a cada comunidade empenhou-o até o dia 27 de novembro, quando encerrou a visita para retornar a Roma. A Inspeção de Bangalore compreende atualmente 319 irmãos e noviços, distribuídos em 29 casas em dois Estados da Índia e 4 paróquias no Yemen, no Golfo (onde o Visitador também se fez presente entre os dias 4 e 11 de novembro). Durante a *Visita Extraordinária*, o padre D'Souza encontrou-se com 11 bispos das dioceses nas quais se localizam as casas da Inspeção. Entre eles figura também o novo bispo do Vicariato da Arábia, Dom Paul Hinder, OFM.Cap.

Durante o mês de setembro (14 a 17), o regional presidiu a Sessão Plenária Anual da Conferência Inspeção da Ásia Sul (SPCSA), na

qual, entre outras coisas, foi feito um balanço da *Visita de Conjunto* do Reitor-Mor e do seu Conselho dos dias 1º a 5 de março em Nova Delhi, e foi traçado um plano para a realização das recomendações surgidas na conclusão daquela *Visita de Conjunto*. O Visitador participou também da celebração inspetorial do jubileu de ordenação presbiteral e de profissão religiosa de quinze irmãos, realizada no noviciado de Padivayal no dia 19 de outubro, e dos 25 anos de *Divyadaan*, pós-noviciado de Nashik na Inspeção de Mumbai (INB) no dia 2 de novembro.

Concluída a *Visita Extraordinária* em Bangalore, o Regional foi para Roma, com uma breve parada no Kuwait, para uma visita de reconhecimento e de animação da comunidade de três irmãos que administram a The Indian English Academy, uma escola materna, média e secundária com mil e duzentos alunos e alunas. Ali encontrou-se também com um belo grupo de ex-alunos de Dom Bosco. Pôde encontrar-se ainda com o novo bispo do Kuwait, dom Camillo Ballin, M.C.C.I., e com o ex-núncio apostólico, dom Giuseppe De Andrea. Concluídos os diversos compromissos e visitas, o conselheiro regional retornou à sede no dia 3 de dezembro para a sessão de inverno do Conselho Geral.

CONSELHEIRO PARA A REGIÃO EUROPA NORTE

Ao final da Sessão de Verão do Conselho Geral, o padre Albert Van Hecke foi a Benediktbeuern, Alemanha, para alguns dias de repouso (1º a 9 de agosto).

Partiu, no dia 12 de agosto, para a Irlanda, a fim de participar da posse do novo inspetor, padre John Horan, no dia 13 de agosto. Em 14 de agosto estava em Soest, Holanda, para a ereção da nova Delegação Holandesa. Em seguida, no dia 15 de agosto, foi à Vremde, Bélgica, para participar, com a presença de muitos irmãos da Bélgica Norte da Holanda, da posse do inspetor da nova inspetoria, padre Jos Claes, e do delegado, padre Herman Spronck. O regional passou o dia seguinte em família.

Em seguida, o padre Van Hecke passou o período de 19 a 24 de agosto na Casa Geral.

Em 25 de agosto vai a Munique para participar da posse do padre Josef Grünner como primeiro inspetor da nova Inspeção da Alemanha.

Em 27 de agosto vai à Polônia, Varsóvia, e inicia a *Visita Extraordinária* à inspetoria, que irá até 1º de dezembro de 2005.

A Visita foi interrompida uma primeira vez nos dias 4 a 7 de setembro para o regional participar no Colle

Don Bosco da *Visita de Conjunto* das quatro inspetorias da Polônia e da Circunscrição do Leste.

Em 8 de setembro o regional retomava sua Visita à Polônia.

A segunda interrupção aconteceu nos dias 7 a 10 de outubro para o regional acompanhar o Reitor-Mor durante a sua presença na Bélgica Norte por ocasião da festa da unificação com a Holanda, com a participação de numerosos membros da Família Salesiana e de amigos de Dom Bosco.

O ápice das celebrações foi a festa organizada na casa de Hechtel (BEN) com a Eucaristia solene na igreja paroquial de Hechtel, com a presença de mil e quinhentas pessoas, além de cinco bispos, dos quais quatro salesianos: Luc Van Looy, bispo de Gent (Bélgica), Adriaan Van Luyn, bispo de Rotterdam (Holanda), Albert Vanbuel, bispo de Kaga-Bandoro (República Centro-Africana) e Gaston Ruvezi, bispo de Sakania (Rep. Dem. do Congo). Estava também presente o bispo de Hasselt, dom Patrick Hoogmartens. Gostaria de assinalar o fato extraordinário que da casa de Hechtel saíram quatro bispos salesianos. À tarde da mesma jornada, todos assistiram a um espetáculo inesquecível sobre a vida de Dom Bosco, *The touch of a reamer* apresentado por 220 alunos da Escola

Salesiana de Hechtel.

O regional retornou a Varsóvia, no dia 10 de outubro, para continuar a Visita Extraordinária.

Em 17 de outubro, participou da Eucaristia solene na basílica salesiana de Varsóvia, para pedir ao Senhor a graça da beatificação do cardeal Hlond.

Por motivos familiares, o regional teve que estar na Bélgica nos dias 29 de outubro a 1º de novembro.

Precisou interromper mais uma vez a visita a Varsóvia para participar, nos dias 5 a 9 de novembro, no Salesianum (Roma), da *Visita de Conjunto* da zona CIMEC da Região Europa Norte. Retornou, em seguida, à Polônia para concluir a Visita Extraordinária no dia 1º de dezembro.

A Visita à Inspeção de Varsóvia fez ver a crescente diversificação das obras, sobretudo as novas propostas no âmbito da educação e da evangelização em favor dos jovens em dificuldade, através de novas instituições: oratórios-centros juvenis e tempo livre; evidenciou, também, o grande número de irmãos bem qualificados em vários âmbitos, a nossa presença significativa nas universidades de Lublin e de Varsóvia-Cardeal Wyszynski, e a generosidade missionária daquela inspeção.

Em 12 de dezembro, o regional retornou a Roma para a Sessão de Inverno do Conselho Geral.

CONSELHEIRO PARA A REGIÃO EUROPA OESTE

Concluída a sessão de verão do Conselho Geral, o Regional padre Filiberto Rodríguez deixa Roma e, fazendo escala de um dia em Madri, vai a Fátima no dia 1º de agosto para participar da *Visita de Conjunto* da Região Europa Oeste. Da reunião, de 2 a 6 de agosto, participaram 94 pessoas, compreendidos os secretários e os tradutores. O trabalho transcorreu muito bem, em clima de devoção, próprio dos lugares tão abençoados por Nossa Senhora. No domingo, 7 de agosto, ainda em Fátima, o padre Filiberto acompanha o Reitor-Mor no encontro com os jovens salesianos da Conferência Ibérica e até o seu retorno a Roma. Em seguida, no dia 9 de agosto, o padre Filiberto inicia um breve período de repouso em família.

No mesmo mês de agosto, nos dias 15 e 16, está em Granada para receber as primeiras profissões dos noviços; no dia 18 participa do encontro que tradicionalmente alguns Salesianos de Salamanca, radicados na Andalúcia, celebram todos os anos nesse dia. Neste ano, a reunião acon-

teceu em Cantalpino, cidade natal da Beata Ir. Eusébia Palomino.

De 22 a 26 de agosto o padre Filiberto visita as casas que a Conferência Ibérica tem em Madri e, nos dias 17 e 18 participa, em Paris, da apresentação do novo inspetor SDB e da nova Inspeção FMA da França. Nos dias 29 e 30 está em Portugal para assistir à primeira reunião do Conselho do novo inspetor e para acompanhar o início do novo projeto.

De 1º a 4 de setembro, participa do encontro anual que a Delegação Ibérica de formação organiza em Madri e, no dia 5, inicia oficialmente a *Visita Extraordinária* à Inspeção de Sevilha, que terminará no dia 24 de novembro com a apresentação do relatório conclusivo aos membros do Conselho Inspeção e ao conjunto dos diretores.

A visita foi interrompida várias vezes:

- de 23 a 25 de setembro e de 29 de outubro a 1º de novembro devido a compromissos pessoais (familiares) do visitador;

- em 15 de outubro, para a reunião dos ecônomos inspeção da Conferência Ibérica, em Sevilha;

- em 5 de novembro, para o encontro com os diretores das inspeções de Córdoba e de Sevilha, para apresentar a consulta em vista da no-

meação do novo inspetor, o que se dará depois da unificação das duas inspeções;

- de 9 a 13 de novembro, para a reunião da Conferência Francófona SDB/FMA da Bélgica e da França, realizada em Bruxelas.

- para as visitas de animação às diversas comunidades da Inspeção de Córdoba (14 a 20 de novembro), em vista da próxima unificação das inspeções;

- para a visita a Tanger (22 e 23 de novembro) a fim de participar do início do projeto ASSABIL, levado avante pela ONG Solidaridad Don Bosco, que tem como finalidade frear – através de um projeto de formação profissional – a emigração dos jovens marroquinos para a Espanha e a Europa.

Terminada a *Visita Extraordinária* a Sevilha, o Regional vai a Valência (25 e 26 de novembro) para apresentar a consulta em vista da nomeação do novo inspetor. Fará o mesmo em Leon nos dias 2 e 3 de dezembro.

Assiste e preside, durante os dias 27 a 29 de novembro, a LXIII assembléia da Conferência Ibérica em Madri – El Plantío.

O regional retorna a Roma no domingo 4 de dezembro para participar da reunião de inverno do Conselho Geral.

CONSELHEIRO PARA A REGIÃO ITÁLIA E ORIENTE MÉDIO

Após um período de visita aos pais, o padre Frisoli participou, de 22 a 25 de agosto, do curso de formação para os irmãos sacerdotes e coadjutores de primeiro quinquênio de ordenação ou de profissão perpétua. Em 26 de agosto, na Madonnina, presidiu a Eucaristia para a posse do novo superior da Visitadoria da Sardenha; no dia 27, em Loreto, para o novo inspetor da Inspetoria Adriática; no dia 28, em Paccognano, para o novo inspetor da Inspetoria Meridional. Participou, nos dias 1º a 3 de setembro, da assembléia dos irmãos da Inspetoria Lígure-Toscana, com intervenções específicas de animação sobre a figura dos leigos e sobre a identidade da comunidade salesiana hoje. Recebeu, depois, a profissão perpétua de dois irmãos vietnamitas.

No dia 9 de setembro, encontrou-se com todos os professores leigos da Inspetoria Adriática e, no dia 10, em Ortona, recebeu a profissão perpétua de um jovem irmão. Presidiu, no dia 11, a Eucaristia no Colle Don Bosco, durante a qual cinco irmãos da Circunscrição especial do Piemonte emitiram a profissão perpétua.

De 15 a 17 de setembro, partici-

pou em Solanas (Sardenha) do encontro de formação dos Delegados inspetoriais de Pastoral Juvenil. Domingo, dia 18, presidiu a Eucaristia na Paróquia Catedral de São Marcos em Latina, para a bênção do busto dedicado ao primeiro pároco da cidade, padre Carlo Torello.

Depois de uma semana na sede, para estudo e preparação, partiu no dia 25 de setembro para a Albânia e Kosovo, onde visitou os irmãos de Tirana, Scutari e Pristina, encontrando-se, também, com os leigos colaboradores.

Retornando no dia 1º de outubro, fez a partir do dia 2 de outubro a *Visita Extraordinária* à Inspetoria São Paulo, da Sicília. Encontrou-se com o Conselho Inspetorial no dia 3 de outubro e, em seguida, as comunidades de Catania e da área etnéia: Catania San Filippo Neri Nuovo, Catania San Francesco di Sales, San Gregorio, Catania Salette, Pedara, Randazzo, Catania Barriera, Messina Giostra.

A visita à Inspetoria da Sicília foi alternada com outros compromissos e serviços de animação: primeiramente, o Encontro dos Inspectores das Inspetorias Romana, Adriática, Lígure-Toscana e da Visitadoria Sarda, no dia 10 e 11 de outubro, a fim de delinear o cami-

nho para uma nova configuração da presença salesiana na Itália central. Nos dias 22 e 23 de outubro, o regional presidiu a Assembléia do CNOS Escola, por ocasião dos dez anos de fundação. De 31 de outubro a 4 de novembro, foi ao Egito, Cairo, onde encontrou-se com os diretores e o Conselho Inspetorial do Oriente Médio, para uma oportuna revisão das orientações do Reitor-Mor, há um ano da conclusão da Visita Extraordinária. De 13 a 16 de novembro, participou, fazendo a conferência introdutória, do encontro organizado pelo setor economia da CISI, sobre “Os Leigos nos papéis de responsabilidade”.

Retornou da Sicília a Roma no dia 29 de novembro. De 30 de novembro a 6 de dezembro, junto com o delegado nacional para a Formação cuidou da realização do curso para os novos diretores da Região.

SECRETÁRIO GERAL

De acordo com as linhas fixadas na programação do sexênio, o secretário geral promoveu neste período – de acordo com o Reitor-Mor e os respectivos conselheiros regionais – *um Encontro de Secretários Inspetoriais* em Guadalajara (México), para os secretários da Região Interamérica, de 5 a 9 de setembro.

Como estava indicado na carta de convocação, o encontro tinha caráter de atualização e intercâmbio recíproco. Os assuntos na ordem do dia foram aqueles que interessam ao secretário e à secretaria inspetorial, em relação quer à documentação, quer às estatísticas, aos aspectos jurídicos, arquivos e bibliotecas. Um relevo particular foi dado justamente aos arquivos e também às diversas práticas jurídicas. Deve-se notar a participação ativa dos secretários e a fraternidade do encontro, que valeu também para um conhecimento recíproco das diversas realidades.

Após a conclusão do encontro em Guadalajara, o secretário, acompanhado pelo secretário inspetorial pôde visitar a casa do noviciado, do estudantado teológico e um bom número de outras comunidades da inspetoria.

Retornando de Guadalajara, esteve-se três dias na Cidade do México onde, graças à gentileza do vigário do inspetor, pôde visitar além das casas da inspetoria nas proximidades da capital, admirando a rica variedade de presenças e de trabalho dos irmãos, também alguns lugares característicos da rica cultura e história do México.

Um agradecimento especial deve ser expresso à comunidade da casa inspetorial de Guadalajara, que hospedou os secretários com acolhida salesiana.

5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS

5.1 HOMILIA DO REITOR-MOR PARA A INAUGURAÇÃO DO ANO ACADÊMICO 2005-2006 DA UPS

Apresenta-se o texto da homilia do Reitor-Mor na celebração eucarística por ele presidida por ocasião da inauguração do Ano Acadêmico 2005-2006 da Universidade Pontifícia Salesiana, em Roma. A homilia, fazendo referência às leituras da Palavra de Deus, centrada no dom do Espírito, leva a atenção a temas significativos para o nosso tempo, particularmente o da comunicação e o da comunhão, no respeito da diversidade, e o da missão da vida cristã hoje, chamada a recuperar a dimensão “pentecostal, espiritual”. O Reitor-Mor, na homilia, faz também um aceno ao magistério do saudoso Pontífice João Paulo II e ao novo Papa Bento XVI.

Caros membros da Comunidade Universitária UPS: Reitor, Vice-Reitores, Decanos, Professores, Estudantes

Estamos reunidos ao redor da mesa da Palavra e da Eucaristia para celebrar a nossa fé no mistério pascal, abrir-nos à escuta de Deus e invocar o dom do Espírito sobre todos e sobre cada um de nós no início do novo ano acadêmico 2005-2006, que vos

desejo rico de sabedoria.

A inauguração deste ano universitário coincide com a celebração do Sínodo dos Bispos sobre a Eucaristia, “fonte e cume da vida e da missão da Igreja”, o que se torna um estímulo a mais para crescer no sentido do mistério, na adoração de Deus, na comunhão do seu Amor, na transformação pessoal e no empenho pela transfiguração do mundo.

Neste momento, não podemos deixar de fazer memória do caro Papa João Paulo II, que lançou o ano Eucarístico e convocou este Sínodo, e que, tendo-nos deixado à noite do sábado dia 2 de abril deste ano de 2005, participa, agora, do banquete celeste; e do caro Santo Padre Bento XVI, que o Senhor prepôs como Pastor da sua Igreja e sob cuja autoridade se desenvolve a grande Assembléia dos Bispos. Desde o primeiro momento do seu pontificado, ele nos convidou a fazer frente à “ditadura do relativismo”, a não ceder à tendência de fazer da fé algo “*ad usum privatum*” sem qualquer consequência na vida pública, mas a proclamar “a verdade do Evangelho” e a apresentar o rosto belo, jovem da Igreja e do Cristianismo, fruto da alegria da redenção, com a sua proposta cultural alternativa à do mundo, de modo que a relação com ele jamais caminhe em detrimento da sua identi-

dade e missão, cedendo à lógica mundana na qual o triunfo do positivismo leva a uma crescente dissolução e alienação. A única resposta que nos pode libertar da desagregação social e da ditadura do pensamento é a apresentação da mensagem cristã com toda a sua força libertadora.

O Papa Bento XVI, na homilia de investidura, descreveu a própria visão do mundo ao qual Cristo deve ser pregado, um mundo que ele vê como “deserto” onde ir buscar os homens perdidos, e como “mar salgado” do qual tirá-los para fora, “para a terra da vida, para a luz de Deus”. Trata-se – segundo o Santo Padre – do deserto da pobreza, do deserto da fome e da sede, do deserto do abandono, da solidão, do amor destruído, do deserto da obscuridade de Deus, do esvaziamento das almas sem mais consciência da dignidade e do caminho do homem. E “do mar salgado de todas as alienações”. Estas imagens e estas caracterizações não querem indicar, naturalmente, que tudo seja escuro e sem luzes, mas sublinham a necessidade absoluta que o homem tem de Deus e da sua salvação.

Os textos trazidos pela liturgia falam-nos da presença de Deus através do seu Espírito na Igreja, como a origem de uma vida comum apostólica cuja missão é a comunicação do

Evangelho, como a fonte da diversidade e o sustento da unidade da comunidade crente, como a fonte do perdão fraterno e da reconciliação, como energia que alimenta a missão da Igreja. Aplicada à nossa realidade universitária, a Palavra de Deus convida-nos – no meu modo de ver – a fazer da nossa vida acadêmica ocasião para acolher o Espírito e os seus dons, para aferrar a sua sabedoria e deixar-nos guiar pelo seu dinamismo, e assim sermos seus colaboradores dóceis e eficazes na transfiguração do mundo. Vejamos, porém, qual a pedagogia que a Palavra de Deus nos propõe.

Espírito, vida comum e comunicação

O segundo capítulo dos Atos, que é a crônica do *dies natalis* da Igreja, diz-nos que a efusão do Espírito de Jesus sobre os discípulos gera a primeira evangelização em toda criatura, representada pelos hebreus vindos do mundo todo a Jerusalém. E, aonde vem o Espírito, ali surge a Igreja; mas não uma igreja qualquer, não uma mera organização jurídica ou social, mesmo que seja com finalidade religiosa, mas a Igreja que nasce da comunicação do Espírito pela comunicação do evangelho “em línguas”.

De qualquer modo que se queira

interpretar o prodígio das “línguas”, na intenção de Lucas ele está significando certamente a força “unificadora” do Espírito, que leva os discípulos à comunicação da única fé, germe da unidade de toda a família humana. O Espírito atua temporaneamente em duas frentes: no coração e nos lábios dos Apóstolos que, inebriados pela sua presença, conseguem transmitir de forma convincente o Evangelho da salvação. O Espírito manifesta-se assim de modo sensível com energia e eficácia. E o primeiro efeito da descida do Espírito, antes ainda que o do testemunho público na pregação do Evangelho, é a transformação dos Apóstolos: são transformados de discípulos medrosos em profetas corajosos, de modo que a sua fé tem um efeito social.

Esse evento contrapõe-se à confusão das línguas acontecida em Babel. O dom do Espírito Santo cria a unidade da linguagem, indicando com isso a universalidade da missão dos Apóstolos e da Igreja, até os confins do mundo. Em Babel todos falam a mesma língua e, num determinado momento, ninguém mais entende o outro, nasce a confusão das línguas e a dispersão do único povo; em Pentecostes, cada qual fala uma língua diversa e todos entendem e se tornam um único povo novo. Quando

se pensa em construir a Europa sem a religião e sem Deus, querer-se-ia prescindir justamente do Espírito, aquele que cria a unidade na diversidade.

É interessante ler a realidade hodierna à luz desses dois modelos opostos. Basta observar o que falam os construtores de Babel e o que falam os Apóstolos em Pentecostes. Os primeiros falam entre si: “Vamos, construamos para nós uma cidade e uma torre que chegue até o céu. Assim faremos um nome, caso contrário seremos dispersos por toda a terra” (Gn 11,4). Esses homens são animados pela vontade de poder, querem “fazer-se um nome”, buscam a própria glória, antecipam e encarnam Prometeu. Em Pentecostes, porém, os Apóstolos proclamam “as grandes obras de Deus”. Não pensam em fazer-se um nome, mas em fazê-lo a Deus; não procuram a própria afirmação pessoal, mas a de Deus. Por isso todos os compreendem. Deus voltou a ser o centro: à vontade de poder opõe-se a vontade do serviço; à lei do egoísmo, a do amor.

Babel e Pentecostes são dois cantos de obra sempre abertos e em ação na história. Toda iniciativa humana, civil ou religiosa, privada ou pública, está diante de uma escolha: ou ser Babel, ou ser Pentecostes. Ou a autoafirmação em detrimento dos outros,

que leva à desintegração social, ou a afirmação do outro, que leva à unidade. Ou a prevalência do egoísmo e a manipulação do outro, ou o primado do amor e o respeito do outro.

Espírito e vida comum no respeito da diversidade

O Espírito, porém, não atua apenas na história. Antes, atua nas pessoas e nas comunidades dos crentes, chamadas a oferecer um modelo alternativo à cultura dominante. Depois de tratar várias questões nascidas da vida da comunidade de Corinto, Paulo ocupa-se do problema dos carismas. Sendo o Espírito a origem dos dons individuais, a sua posse pode criar tensões dentro da comunidade. Foi essa a experiência dos coríntios, e Paulo os ajuda no discernimento: o dom concedido não torna livre aquele que o recebe, mas experimenta a liberalidade do Doador; portanto, quem não se torna sempre mais servo de Jesus, não pode iludir-se de ser um homem espiritual. Por outro lado, todos os dons recebidos comportam responsabilidade igual dentro da vida comum: a diversidade está a serviço da comunhão: *“Há diversidade de carismas, mas um só é o Espírito; há diversidade de ministérios, mas um só é o Senhor; há diversidade de operações, mas um só é Deus, que atua tudo em todos. E a*

cada um é dada uma manifestação particular do Espírito para a utilidade comum” (1Cor 12,4-7).

Apoiar-se na posse do Espírito, visível em seus dons – qualquer que eles sejam –, para crescer às custas dos outros, significaria maltratar a comunidade, subestimar o Espírito e libertar-se do domínio de Cristo. A salvação cristã passa através do serviço à comunidade dos cristãos. A diversidade não deve favorecer o confronto nem a competição, mas a unidade e a compreensão. Tudo tende para o mesmo fim, para a utilidade comum, que é a construção da Igreja, que, por sua vez, está a serviço do mundo, como “luz das nações”.

Estamos, então, diante de uma “multiplicidade” de dons e de serviços, que Deus dispensa à sua Igreja: ele é sempre original, não quer nivelar os crentes num molde único. É por isso que, na Igreja, há lugar para todos: cada um carrega o que tem de mais típico; e está claro que, para realizar essa “tipicidade”, cada um deve entregar-se até o fim! O viver “juntos” a nossa aventura de fé obriga-nos, de um lado, à generosidade, e de outro, à contínua novidade. Quando não tende a construir o “todo”, o “múltiplice”, torna-se um princípio de dissolução do organismo. É assim na Igreja, que nasce tão somente na medida em que cada um dos mem-

bros se transcende para convergir numa unidade fundamental de fé, de amor e de obras: fora disso, os crentes seriam como átomos vagantes, incapazes de inserir-se na obra da salvação e de testemunhar Cristo como “cabeça” do seu “corpo” que é a Igreja. E pergunto-me se a perda de relevância social da Igreja aqui e ali não obedeça a esta perda da sua identidade e missão.

O futuro do cristianismo na Europa não depende, certamente, do seu passado, embora glorioso, nem de suas reivindicações, por quanto tenha colaborado na construção do atual edifício, nem da densidade das suas verdades, ou o conjunto dos seus ritos, ou da altura da sua moral, mas da força do seu testemunho como comunidade de amor, que vive, celebra e comunica a sua fé, da sua capacidade de serviço especialmente aos mais pobres e marginalizados, da sua experiência de Deus confiável, da sua vivida proposta cultural alternativa.

Como libertar os homens do deserto do extravio moral, da mentira, da tristeza, do egoísmo, da solidão, da perda do sentido da vida e do desespero, e levá-los a pastagens e fontes da vida? Como tirá-los para fora das águas insalubres? Somente a alegria de ser crentes, o estilo coerente de vida nova, e o empenho pelos outros nos tornará confiáveis, convincentes e atraentes.

Espírito, o perdão como missão

A juventude e a novidade peregrina da Igreja e da humanidade são fruto do Homem Novo, o Senhor Ressuscitado, como narra o texto de João, que situa a vinda do Espírito no mesmo dia da Ressurreição de Jesus. Soprando o seu Espírito, o Novo Homem dá aos discípulos a missão e a possibilidade de serem homens novos e de renovar a humanidade com o perdão e a reconciliação.

Foi, de fato, o Espírito Santo quem impediu que a Igreja permanecesse sinagoga, isto é, lugar fechado para eleitos, para pessoas que não se reconhecem como pecadores e não querem ser perdoados. Aquela Igreja, brotada do Cenáculo, está sempre tentada retornar a ele e nele fechar-se novamente, a não se deixar perdoar, a não ter o perdão como missão. Sobretudo quando – como está acontecendo – do lado de fora sopra vento de contradição. Então, eis que aparecem novamente os sinais do medo: o pequeno rebanho, em vez de ficar fora, fecha-se e isola-se, sem nem sequer perceber que nem todos os que premem o fazem apenas para abater, mas também para entrar. Somente o Espírito pode dar nova coragem a cada volta da história e da sociedade, para colocar-se como guia

a novos horizontes para o reino de Deus e para o homem.

O Espírito dado por Jesus Ressuscitado, porém, significa também uma outra coisa para nós: o Espírito é o princípio da identidade, isto é da distinção em relação ao mundo. Ai de nós se o esquecêssemos, para ceder à sedução do mundo, da sua lógica! Ele garante a fidelidade da Igreja a Cristo. Faz com que a nossa causa com o mundo seja e permaneça realmente “a causa de Jesus” (“a verdade!”), e não se torne uma causa diversa.

Uma vida cristã adocicada, aburguesada, sem arrebatamento, corre o risco de tornar-se irrelevante, inócua. Não tem mais nada a dizer a ninguém. O homem de hoje é um homem distraído, desencantado, indiferente, habituado a tudo. Justamente por essas suas características, é sacudido vigorosamente com um testemunho que seja particularmente provocador para seus hábitos.

Precisamos recuperar a dimensão “pentecostal, espiritual” da vida cristã; precisamos recuperar o Espírito. Não me preocupa a crise atual da Igreja. Aquilo de que tenho medo é de uma vida cristã *insignificante*; e o cristianismo não significa nada, não tem nada a dizer, não incomoda ninguém, *quando não é espiritual*.

Vem-me à mente, num contexto

eucarístico, o grande discurso de auto-revelação de Jesus como “pão de vida eterna”, logo depois da multiplicação dos pães, e a reação de seus discípulos: “*É dura esta linguagem, quem a pode entender?*”. Eis o “*logos scleros*”, que se torna contra-cultural, a ponto de provocar uma nota editorial do evangelista: “Desde então, muitos dos seus discípulos voltaram atrás e não andavam mais com Ele” (Jo 6,60.66).

O cristianismo, a nossa fé, não pode crer nas soluções fáceis, nos compromissos, nas concessões benévolas, nas piscadelas equívocas, no jogo de equilíbrios, para remediar os vazios. Não pode crer no grande “desconto” generosamente concedido sobre o preço original, para seduzir o cliente e impedir-lhe que se dirija à concorrência. Não pode renunciar, enfim, aos seus ideais e reduzir as próprias pretensões (que são, na verdade, as pretensões estabelecidas pelo Cristo), chegar a composições amigáveis e a transações generosas, para recuperar popularidade e tornar novamente numerosas as fileiras. Justamente porque a relevância hoje da fé depende da sua identidade e não do grau de aceitação social, cremos na necessidade de um trabalho sempre mais árduo nesta linha. É preciso *jogar para a alta e ousar na clareza*, ou seja, di-

zer abertamente quem somos, o que queremos, o que pedimos, sem atenuar as pretensões e exigências.

Concluo fazendo um apelo acalorado a toda a comunidade universitária UPS a ser “espiritual”, a acolher o Espírito, para unir ciência e sabedoria, fazendo da humildade o caminho para a verdade e o serviço.

A Maria, a especialista do Espírito, confio todos e cada um de vós. Ela nos ensine a nos deixarmos guiar e fecundar pelo Espírito.

5.2 CALENDÁRIO LITÚRGICO PRÓPRIO APROVADO PELA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO

A Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos aprovou, em 30 de junho de 2005, o Calendário Litúrgico próprio da nossa Sociedade de São Francisco de Sales (Salesianos de Dom Bosco), jun-

tamente com o do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora e das Voluntárias de Dom Bosco, inserindo algumas memórias que se referem aos Salesianos e FMA recentemente beatificados. Sucessivamente foi introduzida também a memória do Beato Bronislaw Markiewicz. Como já se comunicava no número anterior dos ACG (391, 5.2), a celebração dos Santos Mártires Luís Versiglia e Calisto Caravário foi elevada ao grau de festa e transferida para o dia 25 de fevereiro, data do martírio deles.

Transcreve-se agora o Calendário próprio em sua totalidade, que entra em vigor (a partir do ano litúrgico 2005-2006). Como já acentado no n. 391 dos ACG, tendo já sido impresso o pequeno Calendário litúrgico “ad usum SDB” para 2006, quando foi comunicada a aprovação do Calendário próprio, algumas indicações do pequeno Calendário não corresponderão ao texto oficial.

CALENDÁRIO PRÓPRIO

JANEIRO

- | | | |
|----|--|--|
| 15 | Beato Luís Variara, sacerdote | <i>Memória</i>
[para as FMA e VDB: <i>Memória facultativa</i>] |
| 22 | Beata Laura Vicuña, adolescente
[para as FMA: <i>Memória</i>] | <i>Memória facultativa</i> |
| 24 | São Francisco de Sales, bispo e doutor da Igreja
Titular e Patrono da Sociedade de São Francisco de Sales | <i>Festa</i> |

30 Beato Bronislaw Markiewicz *Memória facultativa*
[só para os SDB]

31 São João Bosco, sacerdote *Solenidade*
Fundador da Sociedade de São Francisco de Sales,
do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora e dos
Cooperadores Salesianos

FEVEREIRO

1 Comemoração de todos os Irmãos falecidos

9 Beata Eusébia Palomino Yenes, virgem *Memória facultativa*
[para as FMA: *Memória*]

25 Santos Luís Versiglia, bispo, e Calisto Caravário, *Festa*
sacerdote Protomártires salesianos [para as FMA e VDB: *Memória*]

MARÇO

12 São Luís Orione, sacerdote *Memória facultativa*

15 Beato Artêmidis Zatti *Memória*
[para as FMA e VDB: *Memória facultativa*]

MAIO

6 São Domingos Sávio, adolescente *Festa*

13 Santa Maria Domingas Mazzarello *Festa*
Co-fundadora do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora
[para as FMA: *Solenidade*]

18 São Leonardo Murialdo, sacerdote *Memória facultativa*

24 Beata Virgem Maria, Auxiliadora dos Cristãos *Solenidade*
Patrona principal dos SDB, das FMA. e das VDB

JUNHO

12 Beatos José Kowalski e companheiros, mártires *Memória*
[para as FMA e VDB: *Memória facultativa*]

23 São José Cafasso, sacerdote *Memória*

JULHO

7 Beata Maria Romero, virgem *Memória facultativa*
[para as FMA: *Memória*]

AGOSTO

2 Beato Augusto Czartoryski, sacerdote *Memória facultativa*

SETEMBRO

22 Beatos José Calasanz e companheiros, mártires *Memória facultativa*

OUTUBRO

5 Beato Alberto Marvelli *Memória facultativa*
(só para os SDB)

13 Beata Alexandrina da Costa *Memória facultativa*

24 Beato Luís Guanella, sacerdote *Memória facultativa*

25 Aniversário da dedicação da própria igreja *Solenidade*
(quando a sua data não é conhecida)

29 Beato Miguel Rua, sacerdote *Memória*

NOVEMBRO

15 Beata Madalena Morano, virgem *Memória facultativa*

DEZEMBRO

5 Beato Filipe Rinaldi, sacerdote *Memória*
Fundador das Voluntárias de Dom Bosco [para as VDB: *Festa*]

Notas:

1. Para as celebrações que não têm indicações particulares entre parêntesis, o grau indicado (*Solenidade, Festa, Memória, Memória facultativa*) vale para os três Institutos (SDB, FMA, VDB). Entre parêntesis, são indicadas as particularidades para cada Instituto.
2. Como de norma, a Congregação para o Culto Divino não concedeu o grau de *Memória (obrigatória)* para Beatos/as em cujos dias já existam também *Memórias facultativas* no calendário da Igreja universal (cf. 2 de agosto e 15 de novembro). Pode-se, contudo, celebrar o Beato ou a Beata do calendário próprio como *Memória facultativa*.
3. Uma vez que em 13 de maio ocorre em nosso calendário a celebração de Santa Maria Domingas Mazzarello, a Congregação para o Culto Divino dispôs que possa ser celebrada a *Memória facultativa de Nossa Senhora de Fátima* (que no calendário universal ocorre em 13 de maio) no dia 15 de maio.

5.3 NOVO INSPETOR

(CORREÇÃO)

Apresentam-se alguns dados do superior da Visitadoria da Sardenha (ISA), nomeado pelo Reitor-Mor com o seu Conselho no decurso da sessão plenária de junho-julho de 2005. Por engano, no n. 391 dos ACG o seu nome foi transcrito erradamente. Corrige-se, por isso, quanto foi escrito em ACG 391, 5.3, n. 3.

COSSU Giovanni, superior da Visitadoria da SARDENHA (Itália)

Para guiar a Visitadoria Nossa Senhora de Bonaria, da SARDENHA, com sede em Cagliari, foi nomeado pelo Reitor-Mor o *Pe. Giovanni COSSU*. Ele sucede ao *Pe. Giovanni Lilliu*.

Nascido em 2 de novembro de 1941 em Nule (Sássari), emitiu a primeira profissão em 16 de agosto de 1959 no noviciado de Lanúvio, como membro da Inspetoria Adriática, onde tinha feito o aspirantado. Fez o pós-noviciado em Roma – São Calisto (1959-1962) e Nave (1962-1963), seguido pelo tirocínio prático nas casas de Loreto (1963-65) e Macerata (1965-66). Feita a profissão perpétua no dia 8 de agosto de 1965, seguiu os cursos de Teologia na UPS em Roma, obtendo a Licença em Teologia. Foi ordenado presbítero em Roma no dia

17 de maio de 1970. Obteve, em seguida, a Láurea em Filosofia, com habilitação para o ensino de Letras na escola média, e depois, também a habilitação para o ensino de história e filosofia nos liceus.

Após a ordenação sacerdotal, trabalhou por muitos anos na casa de Macerata, primeiramente como professor e, depois, também como diretor da escola média, e de 1984 a 1990 também como diretor da comunidade.

Em 1991 foi transferido para a Sardenha, sua terra natal, onde alguns anos depois foi definitivamente incardinado. Na Sardenha, trabalhou por vários anos na casa de Nuoro (1991-2003) como professor numa escola do estado e no liceu das FMA e colaborador na paróquia salesiana. Em 2003 foi transferido para Cagliari – Don Bosco, como professor e diretor do Liceu Salesiano. Em 2004 foi nomeado assistente regional das VDB. É chamado agora à guia da visitadoria.

5.4 NOVOS BISPOS SALESIANOS

1. ROMANIN Juan Carlos, bispo de RÍO GALLEGOS (Argentina).

A Sala de Imprensa vaticana publicava, no dia 25 de outubro de 2005, a nomeação, feita pelo Santo Padre Bento XVI, do sacerdote salesiano

Juan Carlos ROMANIN, SDB, como bispo da Diocese de RÍO GALLEGOS (Argentina). Sucede a dom Alejandro Antonio Buccolini, também salesiano, que renunciou ao governo pastoral por ter chegado ao limite de idade, em conformidade com o cân. 402 §1 do CDC.

Juan Carlos Romanin nasceu em 4 de novembro de 1954 em Sarandí (diocese de Avellaneda e província de Buenos Aires), Argentina, e é salesiano desde 31 de janeiro de 1973, data da primeira profissão religiosa, emitida no noviciado de Manucho. Professo perpétuo em 21 de dezembro de 1978, freqüentou os estudos teológicos no estudantado de Avellaneda, onde foi ordenado presbítero no dia 24 de outubro de 1981. Em Buenos Aires, obteve o diploma em Filosofia e, em seguida, a especialização em Salesianidade na cidade de Quito, Equador.

Por sete anos (1985-1992) foi membro da comunidade de Avellaneda e, em seguida, da de Ensenada, onde foi também diretor (1993-1999) e, por um ano, pároco. Desde 1999 era diretor da comunidade de Mar del Plata (desde 2002 também ecônomo).

Agora é chamado ao governo pastoral da Diocese de Río Gallegos.

2. NGUYEN VAN DE Pierre, bispo auxiliar de BÙI CHU (Vietnã)

Em 29 de novembro de 2005 era publicada pela Sala de Imprensa vaticana a nomeação, feita por Sua Santidade Bento XVI, do sacerdote salesiano *Pierre NGUYEN VAN DE, SDB, como bispo auxiliar da Diocese de BÙI CHU (Vietnã)*, dando-lhe a sede titular episcopal de Ammaedara. A Diocese de BÙI CHU foi erigida recentemente pelo Santo Padre.

Pierre Nguyen Van De nasceu em 15 de janeiro de 1946 em Tri Buu, Quang Tri, na Arquidiocese de Huê, Vietnã. Emitiu a primeira profissão em 16 de agosto de 1965 em Hong Kong, onde fez também os estudos filosóficos. Professo perpétuo no dia 24 de junho de 1971, freqüentou os estudos teológicos no Pontifício Seminário de Dalat. Foi ordenado presbítero em Dalat no dia 17 de dezembro de 1973.

Após a ordenação sacerdotal, foi mestre dos noviços em Ba Thon (1976-1979); depois foi pároco de Xuan Hiep, Thu Duc (1979-1991). Conselheiro inspetorial desde 1980, em 1991 foi nomeado inspetor, cargo que ocupou por um sexênio, até 1997. Em seguida, de 1997 a 2000 foi diretor da comunidade formadora de Xuan Hiep. Desde 2000 era professor no Seminário Maior de Hà Noi (Hanoi).

3. PALLIPARAMBIL George, bispo de MIAO (Índia)

A Sala de Imprensa vaticana publicou no dia 7 de dezembro de 2005 a notícia da nomeação, feita pelo Papa Bento XVI, do Pe. *George PALLIPARAMBIL, SDB*, como *bispo da Diocese de MIAO (Índia)*. Trata-se de uma nova diocese, no território oriental de Arunachal Pradesh (Índia), erigida pelo Santo Padre no mesmo dia, destacando-a da Diocese de Dibrugarh.

Nascido em 15 de maio de 1954 em Thodupuzha, Kerala (Índia), George Palliparambil é salesiano desde 24 de maio de 1974, data da primeira profissão religiosa emitida em

Shillong. Professo perpétuo em 24 de maio de 1979, fez os estudos teológicos no teologado salesiano de Shillong-Mawlai. Foi ordenado presbítero no dia 19 de dezembro de 1982 em Thodupuzha, sua cidade natal.

Após a ordenação sacerdotal exerceu o ministério educativo e pastoral por onze anos na casa de Tinsukia – School, onde foi também diretor durante o sexênio 1988-1994. Transferido para Borduria, ali ficou até 2001, com o encargo de pároco. Passou depois à casa de Hanguathong, como diretor no triênio 2001-2003. Desde 2003 era diretor de Dibrugarh – Don Bosco. Ali foi alcançado pela nomeação episcopal.

5.5 IRMÃOS FALECIDOS (4º ELENCO 2005)

“A fé no Cristo ressuscitado sustenta a nossa esperança e mantém viva a comunhão com os irmãos que repousam na paz de Cristo. Consumiram a vida na Congregação e não poucos sofreram até mesmo o martírio por amor do Senhor... A sua lembrança é estímulo para continuarmos com fidelidade a nossa missão” (C 94).

NOME	LUGAR da morte	DATA	IDADE	INSP
L ALEKSANDRAVICIUS Vincent Piotr	Roma (Itália)	16-11-2005	94	IRO
P ALVES Eladino dos Anjos	Cascais (Portugal)	08-11-2005	87	POR
L ARNEODO Massimo	Montevidéu (Uruguai)	15-11-2005	82	URU
P ATTARD Carmel	Shillong (Índia)	19-11-2005	94	ING
L BALLIN Valentino	Turim (Itália)	16-09-2005	83	ICP
P BERNARD Victor	Anisakan (Myanmar)	12-12-2005	59	MYM
P BERTOLDI Alfonso	Turim (Itália)	20-10-2005	85	ICP
P BORGONOVO Mario	San Juan (Porto Rico)	25-09-2005	87	ANT
<i>Foi inspetor por seis anos</i>				
L BOSCARIELLO Nicolò	Messina (Itália)	01-06-2005	85	ISI
P BRECHEISEN August	München (Alemanha)	19-10-2005	78	GER
<i>Foi inspetor por 12 anos</i>				
P CALONGHI Luigi	Turim (Itália)	04-12-2005	84	UPS
P CASARAVILLA ESCALADA Julio	Montevidéu (Uruguai)	17-09-2005	92	URU
P CLERITI Giovanni	Sassari (Itália)	01-10-2005	90	ISA
P COMANDU Giuseppe	Chennai (Índia)	04-09-2005	88	INM
P DAL BROI Antonio	Civitanova Marche (Itália)	24-11-2005	95	ILE
P DONNARUMMA Catello	Nápoles (Itália)	18-10-2005	85	IME
P FERNANDES Eleutherio	Matunga, Mumbai (Índia)	29-11-2005	70	INB
P FRANGI Eugenio	Arese (Itália)	04-11-2005	83	ILE
L GAMERRO Giovanni Battista	Turim (Itália)	23-10-2005	90	ICP
P GARDIN Angelo	Ivrea (Itália)	08-12-2005	85	ICP
P GELOSA Bruno	Giussano (Itália)	12-12-2005	91	ILE
P GEOFFROY Henri	Liffol-Le-Grand (França)	22-11-2005	84	FRA
P GIAMPAOLETTI Antonio Maria	Pescara (Itália)	26-09-2005	64	IAD
P HLADKY Antonin	Stará Boleslav (Rep. Checa)	01-11-2005	79	CEP
P HURLEY Clive	Chennai (Índia)	01-10-2005	67	INM

94 ATOS DO CONSELHO GERAL

P	KERKLAAN Gerardus Majella	Schiedam (Holanda)	11-10-2005	83	OLA
P	KIELAR Franciszek	RyduBtowy (Polónia)	14-11-2005	80	PLS
L	KIM Moyses Seong Cheon	Seoul (Coréia)	23-09-2005	76	KOR
P	KOKKAPALLIL Philip	Dimapur (Índia)	06-09-2005	92	IND
P	LABUDA StanisBaw	SBupsk (Polónia)	27-10-2005	55	PLN
P	LAVERY Terence	Bonnyrigg (Grã-Bretanha)	07-11-2005	81	GBR
P	MAGNANI Agostino	Livorno (Itália)	12-12-2005	94	ILT
P	MARTIN HEREDERO Juan Cruz	Caracas (Venezuela)	23-10-2005	67	VEN
P	McMAHON Christopher	Johannesburgo (África do Sul)	26-11-2005	63	AFM
P	MENESTRINA Juan	Stefenelli (Argentina)	23-11-2005	87	ABB
P	MÖHRLEIN Georg	Burgebrach (Alemanha)	25-11-2005	89	GER
L	MÜLLER José	Bahfa Blanca (Argentina)	29-08-2005	77	ABB
P	O'TOOLE DONELON Agustín	Lima (Peru)	04-12-2005	86	PER
L	ORTIZ QUEVEDO Pablo Gerardo	Bogotá (Colômbia)	03-11-2005	93	COB
L	PALOMEQUE Antonio	Cuenca-Yanuncay (Equador)	01-12-2005	84	ECU
P	PASTWA Józef	Köln (Alemanha)	21-09-2005	68	GER
L	PEÑA ANDRÉS José María	Guadalajara (Espanha)	11-11-2005	65	SMA
P	PORPORATO Norberto	Corrientes (Argentina)	13-11-2005	76	ARO
E	PRATA Gennaro Maria	Sessa Aurunca (Itália)	29-09-2005	82	-
<i>Foi por 20 anos bispo auxiliar de La Paz (Bolívia), por 6 anos arcebispo de Cochabamba (Bolívia) e por 18 anos bispo emérito</i>					
L	REGATTIERI Giuseppe	Cumiana (Itália)	04-10-2005	66	ICP
P	RIESCO PEDRAZ Ricardo	Santander (Espanha)	09-11-2005	79	SBI
L	RIGOTTI Vito	Turim (Itália)	22-09-2005	81	ICP
P	RODRÍGUEZ BUSTILLO Pablo	El Campello (Espanha)	08-11-2005	94	SVA
P	ROSSI Giuseppe	Castellammare di Stabia (Itália)	25-11-2005	97	IME
L	SANTIDRIÁN MORAL A. Crescencio	Madri (Espanha)	15-09-2005	66	SMA
P	SANTUCCI Italo	Roma (Itália)	02-11-2005	93	IRO
P	SECCHI Cesare	Beppu (Japão)	07-12-3005	90	GIA
P	SERTL Joseph	Ensdorf (Alemanha)	16-11-2005	78	GER
P	SOLDEVILLA HIDALGO Rafael	Granada (Espanha)	10-12-2005	80	SCO
P	SUÁREZ CABRA Julio Ítalo	Bogotá (Colômbia)	28-10-2005	72	COB
P	SULARZ Józef	Zywiec (Polónia)	14-12-2005	65	PLS
L	SURIN Francis Caleb	Ranchi (Índia)	26-11-2005	79	INN
P	SZAK Kálmán	Székesfehérvár (Hungria)	28-11-2005	89	UNG
P	SZELIGA Edmund	Lima (Peru)	03-09-2005	93	PER

L	TANAKA Jun Francesco	Tóquio (Japão)	16-09-2005	79	GIA
P	TIBERI Luis Reinaldo	Formosa (Argentina)	02-10-2005	89	ARO
P	URIBE Abel	Bahfa Blanca (Argentina)	26-08-2005	75	ABB
L	VALSECCHI Ezechiele	Turim (Itália)	12-12-2005	100	ICP
P	VIRILLI Arturo	Turim (Itália)	18-10-2005	85	ICP
L	VULPINARI Remo	Gualdo Tadino (Itália)	17-11-2005	68	IAD
P	WAIDEMANN Bernard	Rosenheim (Alemanha)	20-11-2005	77	PLS
P	ZIENIEWICZ Henryk	Debrzno (Polônia)	25-10-2005	75	PLN
P	ZOCCO Emanuele	Ragusa (Itália)	28-11-2005	76	ISI

Impressão e acabamento:

ESCOLAS PROFISSIONAIS SALESIANAS
Rua Dom Bosco, 441 • 03105-020 São Paulo-SP
Fone: (11) 3277-3211 • Fax: (11) 3209-4084